

THAMIRIS ABRÃO BORRALHO

**AS PREPOSIÇÕES QUE ACOMPANHAM OS VERBOS *IR* E *CHEGAR* — UMA
VISÃO SINCRÔNICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO EM JORNAIS**

UBERLÂNDIA

2014

THAMIRIS ABRÃO BORRALHO

**AS PREPOSIÇÕES QUE ACOMPANHAM OS VERBOS *IR* E *CHEGAR* — UMA
VISÃO SINCRÔNICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO EM JORNAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª Dra Maura Alves de Freitas
Rocha

Linha de pesquisa: Teorias e análises
linguísticas: estudos sobre o léxico, morfologia
e sintaxe.

UBERLÂNDIA

2014

THAMIRIS ABRÃO BORRALHO

**AS PREPOSIÇÕES QUE ACOMPANHAM OS VERBOS IR E CHEGAR — UMA
VISÃO SINCRÔNICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO EM JORNAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre
em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a Dra Maura Alves de Freitas
Rocha

Linha de pesquisa: Teorias e análises linguísticas:
estudos sobre o léxico, morfologia e sintaxe.

UBERLÂNDIA

2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maura Alves de Freitas Rocha
(orientadora)

Prof.^a Dra. Juliana Bertucci Barbosa
(UFTM)

Prof.^a Dra. Eliana Dias
(UFU)

DEDICO...

aos meus pais, fonte de inspiração

ao meu irmão, fonte de alegria

ao meu noivo, fonte de carinho.

AGRADECIMENTO

Ao longo desses anos que se passaram desde a graduação, devo dizer que a vida me reservou uma grande luta, um caminho tortuoso, difícil de ser cumprido, mas, na contrapartida das dificuldades, eu venci mais esta etapa: concluo o meu Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia.

É singular a sensação de finalizar este trabalho que foi feito a tantas mãos; devo, portanto, agradecer a todas elas...

As primeiras a que devo agradecer são as mãos de Deus, que me trouxeram até aqui, que me acalentaram e me fortaleceram nos momentos de desânimo e de crise. Muito obrigada, Senhor, por tudo que tem acontecido comigo. E à Nossa Senhora da Abadia também, que é a minha primeira visão do dia.

Às mãos dos meus pais que se uniram em oração tantas vezes para que eu pudesse realizar mais esse sonho. Às turras, conseguimos mais essa vitória que é tão minha quanto de vocês. Sei da força do amor de mãe e de pai, pois o recebo diariamente, em especial quando menos mereço. Obrigada Luciene Abrão Borralho e Carlos Borralho Júnior.

Às mãos do meu noivo, Luciano Carvalho Mariano Júnior, que tanto me levaram a Uberlândia. Se não fosse por sua paciência, por sua compreensão e por sua inenarrável ajuda ao longo desse percurso, tudo isso não seria possível. Te amo por tudo: pela amizade, pelo respeito, pela inteireza.

Às mãos do meu irmão Érico que mais trouxeram descontração que qualquer outra coisa. Aos meus familiares que compreenderam as ausências dos encontros de final de semana, dos almoços de domingo, enfim chegamos à recompensa.

Às mãos das minhas amigas, especialmente à Pamela Chiarelli e à Lívia Zanier, a esta pelos momentos de risadas e loucuras na estrada, literalmente; e àquela, pela amizade que conforta e faz sorrir nos momentos de desespero acadêmico.

Às mãos dos parceiros do Colégio Cenecista Dr. José Ferreira, sobretudo às mãos da Tia Eliane, companheira, amiga íntegra, inteligente e nem por isso se coloca como superior, só tenho que agradecer pelo tanto que me ensinou.

Às mãos dos meus alunos que são o combustível que me move, pelos quais sou inspirada a continuar estudando, me aperfeiçoando, para sempre somar à bagagem que eles trazem para a sala de aula todos os dias. Quem leciona uma vez, não sabe mais viver sem alguém para ensinar.

Às mãos dos mestres da UFTM, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, berço de inspiração, que me inseriram no mundo acadêmico e pelo qual me apaixonei. À professora doutora Juliana Bertucci Barbosa, exemplo de profissionalismo e de solidariedade, mãos que me indicaram caminhos que hoje sigo com determinação. Obrigada, Juliana, por ter me incentivado a encarar essa empreitada.

Às mãos que constroem o PPGEL da UFU diariamente, desde as solícitas secretárias – Virgínia e Lorena – que me atendem tão educadamente mesmo quando estou em desespero às mãos dos professores dessa instituição, devo citar, em especial, os professores doutores Maria de Fátima F. Guilherme, Carmen Agustini, José S. de Magalhães, Marlúcia Maria Alves, docentes cujas contribuições ficarão armazenadas em minha vida acadêmica.

Às professoras doutoras Luísa Helena Borges Finotti e Eliana Dias, que participaram com tanta generosidade de minha qualificação e que tanto contribuíram para a construção deste trabalho. Devo dizer que a angústia que eu sentia antes da qualificação não fez jus ao momento positivo que vivi naquela sala de reunião. Obrigada pelas significativas análises e contribuições.

Por último e com toda relevância que a homenagem merece, agradeço às mãos, à mente, à braveza e ao conhecimento de minha orientadora professora doutora Maura Alves de Freitas Rocha. Se não fossem os puxões de orelha, o olhar atento, os milhões de e-mails, as incontáveis sugestões para aprimorar minha dissertação, com certeza eu não teria alcançado essa vitória. Maura, obrigada por ter me ensinado tanto e por ter contribuído sobremaneira para minha vida acadêmica.

Enfim, encerro essa etapa feliz por ter tanta gente ao meu lado, pessoas que sonharam esse Mestrado comigo e que hoje veem que ele está findado com sucesso. A todos, muito obrigada.

Evocação do Recife

[...]

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas

Com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

[...]

Manuel Bandeira

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo um estudo descritivo-comparativo do português escrito em jornais, analisando as preposições que acompanham os verbos **ir** e **chegar**. Analisando a língua sob o viés da Sociolinguística Laboviana, o qual compreende que o sistema linguístico não é estanque e que ele está sempre em modificação a partir das necessidades linguísticas do falante. Tendo isso em mente, dentre as muitas modificações possíveis de análise da fala que alcançaram a escrita, esta pesquisa centra-se, em relação à variação sociocultural, abordando o nível sintático, em um fenômeno do português escrito em jornais: a motivação que leva à escolha de certas preposições em detrimento de outras em relação aos verbos de movimento **ir** e **chegar**. Esses verbos foram selecionados, porque eles pertencem a um campo semântico semelhante, uma vez que refletem um deslocamento horizontal. A análise foi feita baseando-se nestes objetivos: contribuir para pesquisas linguísticas sobre o PB escrito em jornais analisando a variação das preposições que acompanham os verbos **ir** e **chegar**; investigar as preposições que acompanham os verbos de movimento **ir** e **chegar** no PB escrito em jornais; identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o emprego dessas preposições no PB escrito; comparar os resultados encontrados com o que prescreve a Gramática Normativa; verificar se a variação analisada apresenta alguma tendência de uso de uma preposição em relação à outra. Para isso foram selecionadas 280 ocorrências dos jornais **Folha de S. Paulo**, de circulação nacional, e **Jornal da Manhã**, de circulação regional. Catalogamos os dados por meio de um grupo de fatores (o verbo, tempo modo verbal, a preposição, o N locativo e o jornal no qual a ocorrência foi encontrada). Todos os dados foram rodados no VARBRUL, programa de estatísticas, e posteriormente analisados. Em seguida foram contrapostos com os trabalhos de MOLLICA, 1989; 1991; 1991; 1995; GOMES, 1996; RIBAS, 2007, BERLINCK, 2008, entre outros. A pesquisa demonstrou que o comportamento das preposições em relação ao verbo **ir** têm suscitado variação, especialmente quando se toma as preposições **a** e **para** como variantes para a regência desse verbo. E na contramão do que acontece com esse verbo, o verbo **chegar** apresenta pouca variação, quando se estipula como variantes as preposições **a** e **em**.

Palavras-chave: Preposição. Variação e Mudança Linguísticas. Português Brasileiro.

ABSTRACT

This research aims at a descriptive -comparative study of the written portuguese in newspapers, analyzing the prepositions that follow the verbs go and come. Analyzing the language under the bias of Labovian's Sociolinguistics, which comprises that the linguistic system is not tight and that it is ever changing from the speaker's needs of language. Keeping this in mind, among the many possible modifications of analysis of the speech that reached the writing, this research focuses, in relation to sociocultural change, addressing the syntactic level in a phenomenon of the written Portuguese in newspapers: the motivation that leads the choice of certain prepositions over others in relation to motion verbs go and come. These verbs were selected because they belong to the same semantic field, once they reflect a horizontal displacement. The analysis was based on these objectives: to contribute to linguistic research on the written brazilian portuguese in newspapers analyzing the variation of the prepositions that follow verbs go and come; investigate the prepositions that follow verbs of motion go and come in the written brazilian portuguese in newspapers, to identify the linguistic and extralinguistic factors that influence the use of these prepositions in writing brazilian portuguese; compare the results with the prescribing Normative Grammar; verify if the analyzed changes presents some tendency to use a preposition in relation to another. For that 280 cases have been selected from the newspapers Folha de S. Paulo, with national scope, and the Jornal da Manhã, a regional scope. We cataloged data through a group of factors (the verb, time verbal mode, the preposition, the locative N and the newspaper in which the occurrence was found). All data were rotated in VARBRUL, statistics program, and subsequently analyzed. They were then contrasted with the work of Mollica, 1989, 1991, 1991, 1995; GOMES ,1996; Ribas, 2007 BERLINCK 2008, among others. The research has shown that the behavior of prepositions in relation to the verb go have sparked change, especially when taking the prepositions to and from as variants for the conduct of this verb. And contrary to what happens with this verb, the verb come shows little variation when it stipulates as variants prepositions to and on.

Keywords: Prepositions. Variation. Brazilian Portuguese.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das preposições no trabalho de WIEDEMER, 2008.....	39
Gráfico 2: Distribuição do tempo-modo verbal em relação ao N locativo com o verbo ir	60
Gráfico 3: Distribuição do tempo-modo verbal em relação ao N locativo com o verbo chegar	62
Gráfico 4: Distribuição das preposições em relação ao N locativo com o verbo ir	63
Gráfico 5: Distribuição das preposições em relação ao N locativo com o verbo chegar	64
Gráfico 6: Distribuição do tempo-modo verbal em relação aos jornais com os verbos ir e chegar	65
Gráfico 7: Distribuição das preposições em relação aos jornais com os verbos ir e chegar ...	66
Gráfico 8: Distribuição do N locativo em relação aos jornais com os verbos ir e chegar	67
Gráfico 9: Distribuição das preposições em relação aos jornais com o verbo ir	68
Gráfico 10: Distribuição das preposições em relação aos jornais com o verbo chegar	68
Gráfico 11: Distribuição do N locativo em relação aos jornais com os verbos ir e chegar	69
Gráfico 12: Distribuição do N locativo em relação aos jornais com os verbos ir e chegar	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados apontados por Berlinck e Bueno (2008).	38
Tabela 2. Uso da preposição A segundo o gênero do texto, no Getulino	38
Tabela 3: Preposições utilizados com os verbos ir e chegar (Folha de S. Paulo)	41
Tabela 4: Preposições utilizados com os verbos ir e chegar (Jornal da Manhã).....	57
Tabela 5: Relação entre verbos chegar e ir e o tempo-modo verbal (TMV).....	58
Tabela 6: Relação entre verbos chegar e ir , a preposição a e o tempo-modo verbal (TMV)....	59
Tabela 7: Relação entre verbos chegar e ir , a preposição em e o tempo-modo verbal (TMV)..	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1) As mudanças linguísticas:	19
2.2) A teoria da Variação Linguística e da Mudança:	21
2.3) As pesquisas em Sociolinguística	25
3) REVISÃO DA LITERATURA	28
3.1) Os verbos:	28
3.2) As preposições:	32
3.2.1) As preposições pela perspectiva das gramáticas:	33
3.2.2) O estudo das preposições sob a ótica variacionista:	37
4) PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
4.1) Os jornais:	46
4.1.1) A Folha de São Paulo	48
4.1.2) O Jornal da Manhã	50
4.2) As variáveis:	52
4.2.1) Variáveis dependentes:	52
4.2.2) Variáveis independentes	53
4.2.2.1) Variáveis linguísticas	53
4.2.2.2) Variáveis associados ao N locativo	53
4.2.2.3) Variação extralinguística:	55
5) CONHECENDO NOSSOS DADOS	57
5.1) Discutindo com os verbos	57
5.2) Analisando nossos dados a partir de nossos escopos	71
5.3) Nossos resultados e a pesquisa variacionista	72
6) FINDANDO NOSSO ESTUDO	74

7) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
-------------------------------------	----

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, investigamos a variação das preposições do português brasileiro (doravante PB) que acompanham os verbos de movimento **ir** e **chegar** em um jornal de Uberaba, Minas Gerais, que é de circulação regional, e um jornal de circulação nacional, redigido em São Paulo, sob a perspectiva da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972), (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968).

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística, explicitada por William Labov, busca investigar a relação existente entre língua e sociedade, pois, para ele, a língua sofre mudanças — fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, etc. — à medida que é utilizada por seus falantes, ou seja, a língua é o legado histórico da utilização dos falantes de uma mesma comunidade linguística.

Assim, a língua portuguesa, como qualquer outra língua, sofreu e sofre mudanças e atualizações mediadas por quem a usa. Logo, podemos compreender que a variação é inerente à estrutura da língua de acordo com as necessidades dos que a utilizam, de maneira que a língua portuguesa falada ou escrita em sincronias passadas não é a mesma que utilizamos atualmente.

Partindo desse pressuposto teórico, dentre os diferentes níveis de variação, a respeito da variação sociocultural e abordando o nível sintático, há um fenômeno que nos interessa pesquisar no português escrito: a motivação que leva à escolha de certas preposições em detrimento de outras em relação aos verbos de movimento **ir** e **chegar**.

Entendemos, de acordo com os verbos selecionados, que a escolha de uma preposição no lugar de outra acarreta possibilidades semelhantes no estabelecimento das relações sintáticas no nível da sentença. Sendo assim, utilizamos os verbos como variáveis dependentes e estipulamos quatro variáveis independentes para cada verbo: o tempo-modo verbal, a preposição, o tipo de complemento verbal e o jornal do qual a ocorrência foi selecionada.

Para realizar esse estudo, selecionamos dois jornais que foram publicados ao longo dos anos de 2012 e 2013. Os jornais são: **Jornal da Manhã**, de Uberaba, e a **Folha de S. Paulo**, do estado de São Paulo. A partir desses jornais, catalogamos duzentas e oitenta ocorrências dos verbos anteriormente mencionados.

Importa dizer que o jornal **Folha de S. Paulo** é redigido na cidade de São Paulo, em duas versões: uma de circulação nacional e uma de circulação regional. Para alcançar os objetivos de nossa pesquisa, optamos pelo de circulação nacional, pois julgamos que a linguagem do jornal que perpassa todo o Brasil.

Já o **Jornal da Manhã** foi escolhido por ser redigido na cidade de Uberaba, que se localiza no Triângulo Mineiro e que, apesar de ser mineira, recebe muita influência dos estados de São Paulo e de Goiás devido especialmente à posição geográfica, pois essa cidade faz divisa com esses estados. Sendo assim, a variedade linguística realizada em Uberaba está mais próxima desses estados do que, por exemplo, da variedade linguística utilizada em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Buscamos, em nossa pesquisa, investigar a variação dentro de uma mesma sincronia, e, nessa perspectiva, visamos a verificar se dois jornais, que poderiam utilizar a mesma variante linguística, mantêm o mesmo comportamento linguístico, já que são veículos de informação.

Para estabelecer esse estudo sobre a língua em uso, é preciso clarificar que o conceito de variação linguística especificada por Labov é claramente constituído em relação à fala, a qual ele chamou de vernáculo aquela mais espontânea e desatenta, posto que o falante não se policia para se comunicar.

Sobre o vernáculo, muitas pesquisas já foram e estão sendo feitas, pois é interessante traçar um perfil das comunidades linguísticas do Brasil. Mas, para além das pesquisas pertinentes à fala, há uma lacuna que deve ser preenchida: se há tanto tempo existe uma variação entre o uso das preposições que acompanham os verbos de movimento **ir** e **chegar** em relação à fala, será que esta variação já não acontece na escrita, como, por exemplo, em jornais?

Fica-nos a dúvida de que se a variação ocorre com esses verbos na fala, pode ser que essa variação já esteja ocorrendo em relação à língua escrita como, por exemplo, em jornais. Em relação à incorporação da nova variante à norma padrão, Tarallo (2004, [p.](#)) considera que a língua escrita em jornais advém da regularização do sistema linguístico, de uma unificação a favor de uma língua nacional, mas, apesar de esse meio priorizar a norma culta, eles possuem traços variáveis de informalidade, característicos da fala, pois deve haver uma relação entre o uso linguístico e a caracterização da comunidade de fala, ou seja, deve-se utilizar uma língua que seja interpretável pelo leitor do jornal.

A partir de nossa pergunta de pesquisa, compreendemos que não estaremos produzindo mais conhecimento (estudos) sobre a mesma problemática, mas sim buscaremos investigar o quanto dessa variação já está presente em nossa escrita e mais, o quanto as prescrições gramaticais estão sendo superadas em relação ao uso feito pelo falante.

Para apoiar essa questão de produzir conhecimento, reportamo-nos a Guerra e Carvalho (2002), que afirmam que “se um dado/fenômeno fosse sempre o *mesmo*, nada haveria a ser investigado, porque a previsibilidade já estaria, de antemão, concebida na sua próxima natureza” (p. 35), ou seja, julgamos necessária nossa pesquisa, pois não estamos fazendo mais estudos sobre o mesmo assunto, mas sim contribuindo para demonstrar novos parâmetros de uso do português brasileiro escrito.

A partir do que foi anteriormente apresentado e da teoria da variação e da mudança linguística, compreendendo que as variantes de uma variável podem estar em concorrência, sem se ter como afirmar quando uma variante substituirá a outra, temos as seguintes hipóteses:

- I. os verbos **ir** e **chegar** utilizam diferentes tipos de preposições, mas ao utilizar uma em detrimento de outra, essa escolha pode não ser feita de maneira aleatória;
- II. pode haver variação em relação ao tempo-modo verbal, à preposição, ao tipo de complemento verbal e ao jornal do qual a ocorrência foi selecionada;
- III. ao criar a relação sintático-semântica no nível da frase, esses verbos não necessariamente buscam o ideal prescrito pelas gramáticas do tipo normativo-tradicionais.

Com base nas hipóteses, formulamos as seguintes perguntas de pesquisa:

- I. Os jornais – exemplo de modalidade culta escrita do Português Brasileiro – seguem o que prescrevem as Gramáticas Tradicionais quanto ao uso das regências verbais nos verbos de movimento **ir** e **chegar**?
- II. O sistema preposicional do Português Brasileiro, em relação aos verbos selecionados, está instável ou está tendendo a uma estabilidade que contraria a norma?

- III. O jornal de circulação nacional tende a ser mais formal que o jornal de circulação regional?
- IV. Em que contextos as preposições, que acompanham o verbo de movimento **ir** e **chegar**, são mais empregadas?

Com as perguntas de pesquisa que foram anteriormente elencadas, mostramos adiante o objetivo geral e os objetivos específicos deste estudo, que foram os caminhos norteadores de nossa pesquisa:

Objetivo geral:

- Analisar a variação das preposições que acompanham os verbos **ir** e **chegar** em textos escritos.

Objetivos específicos:

- Investigar as preposições que acompanham os verbos de movimento **ir** e **chegar** no PB escrito em jornais,
- Identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o emprego dessas preposições no PB escrito;
- Comparar os resultados encontrados com o que prescreve a Gramática Normativa;
- Verificar se a variação analisada apresenta alguma tendência de uso de uma preposição em relação à outra.

Para alcançar os objetivos anteriormente mencionados, dividimos este trabalho em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos o Referencial Teórico, com os estudiosos que embasaram nosso modelo da análise científica, levando em consideração nossos objetivos e perguntas de pesquisa. Para isso, apresentamos algumas questões relativas à Variação e à

Mudança Linguística especialmente por meio da teoria apontada por Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972) e Tarallo (2004).

Em seguida, apresentamos algumas razões que justificam o uso de jornais na pesquisa de cunho sincrônico. Depois justificamos a escolha dos verbos **ir** e **chegar**, apresentando algumas particularidades em relação à regência desses verbos. Finalmente, fazemos um levantamento da perspectiva gramatical e da perspectiva linguística do uso das preposições.

Na segunda seção, apresentamos os Procedimentos Metodológicos, dentro dos quais fizemos uma relação dos passos que seguimos para efetivar essa pesquisa, isto é, contextualizamos a região de Uberaba, Minas Gerais, descrevemos os passos para a coleta das amostras, as variáveis e os métodos de análise.

Na terceira seção, apresentamos a análise, discussão dos dados e resultados da pesquisa, a partir de em nosso arcabouço teórico. Nela apresentamos o contraponto entre o que é proposto pela gramática normativa e a relação com os nossos dados, a partir de pesquisas variacionistas.

Finalmente, na última seção, apresentamos nossas conclusões, as referências e os anexos.

2) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1) As mudanças linguísticas:

A língua portuguesa, segundo Serafim da Silva Neto (1952), tem origens românicas, assim como o francês, o espanhol e o italiano. O interessante é compreender que no percurso de evolução linguística, percebemos que a língua abandona termos e passa a utilizar outros, mas não de maneira homogênea e articulada, isso se faz de forma complexa e está engendrada a diversos fatores. Vejamos o que esse autor nos diz:

“A história de uma língua não é um esquema rigorosamente pré-estabelecido, não é um problema algébrico. Não se pode partir do latim e chegar diretamente aos dias de hoje, saltando por sobre vários séculos de palpitante vida. A evolução é complexa e melindrosa, relacionada com mil acidentes, uma atividade em perpétuo movimento” (SILVA NETO, 1952)

De acordo com Silva Neto, percebemos que estudar a estrutura de uma língua não é tão fácil como parece, especialmente quando lançamos mão de elementos extralinguísticos para explicar o que a língua pela língua não explica, isto é, há na estrutura da língua elementos que são abandonados ou inseridos porque ela está a serviço do falante, e este é influenciado por diversos fatores, como, por exemplo, a cultura, a sociedade, a idade, o sexo. Esses fatores são relevantes porque a língua é a materialização de um período histórico e também porque está enraizada na sociedade.

Ao olharmos, sobretudo, a língua portuguesa, conseguimos depreender dissemelhanças claras entre aquela que é realizada no Brasil, daquela que é realizada em Portugal, daquelas que são realizadas nos países africanos: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Macau (língua oficial juntamente ao cantonês), Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (língua oficial juntamente ao Tétum). Isso demonstra o quanto a sociedade e a cultura estão atreladas à linguagem.

Sabemos também que a língua portuguesa realizada no Brasil guarda diferenças relativas a fatores linguísticos e extralinguísticos que compõem as suas variantes, mas não nos preocuparemos em explicitá-las, pois não é o foco de nosso trabalho. O que vale compreender

é que dentre tantos fatores, analisamos a língua portuguesa realizada em jornais escritos contrapondo jornais veiculados regionalmente a jornais veiculados nacionalmente, para isso, partimos da descrição e da análise das diferentes formas de uma mesma expressão ou estrutura sintática. Isso demonstra a heterogeneidade linguística do português escrito.

Pensando ainda sobre a língua como um sistema heterogêneo, temos, também com os estudos de Castilho (2010), a seguinte explanação acerca da constituição intrínseca das línguas:

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas. (...) Para se comunicar com eficiência, eles fazem diferentes escolhas no multissistema linguístico, as quais deixarão marcas formais em sua produção linguística. (...) Em características sociais involuntárias (sua origem geográfica, nível sociocultural, idade, sexo) e por escolhas voluntárias (seleção de um canal para a comunicação, seleção de um registro adequado à interação). (CASTILHO, 2010, p.197)

Consonante ao que foi afirmado anteriormente, podemos ressaltar que a escolha do falante por uma determinada variante em detrimento de outras não é aleatória, mas sim motivada por razões tanto linguísticas quanto extralinguísticas, entretanto, isto não se limita à oralidade, pois também acontece na escrita. Deve-se ter em mente que, além de possuir um “mesmo valor de verdade”, as variantes de uma regra variável se encontram sempre em relação de concorrência: conservadoras x inovadoras, padrão x não padrão, de prestígio x estigmatizadas.

Para compreendermos um pouco mais a questão das variantes, da variação e da mudança na língua, fizemos um percurso científico com considerações teóricas fundamentais de Weinreich, Lavov e Herzog (1968) e Labov (1972), dentre outros autores que também contribuíram para a formação da Sociolinguística.

2.2) A teoria da Variação Linguística e da Mudança:

William Labov (1970) aborda diferentes tipos de pesquisas linguísticas baseadas na fala mais irrefletida e espontânea do falante real, que é designada de vernáculo, para assim traçar um perfil do que é mais recorrente na língua, e demonstrar quais aspectos linguísticos estão em variação.

Esse linguista discute o conceito de Sociolinguística oposto ao de Linguística, tentando demonstrar que ambas estudam a língua da mesma forma, partindo do ponto de vista que a língua é entendida como “uma forma de comportamento social que é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”, ou seja, para ele, é redundante o termo Sociolinguística, pois não existe língua sem um comportamento social.

Dentre tantos estudos, Labov pesquisou, a partir da perspectiva dos estudos da Sociolinguística, em 1963, o uso do inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA). Após essa pesquisa, várias outras surgiram: como a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966); a língua do gueto, entre outros. Além dessas pesquisas, Labov foi influenciado por outros autores como Gumperz e Dell Hymes que colaboraram com essa nova teoria à medida que produziam pesquisas que reviam a ideia de que a mudança linguística não poderia ser estudada em curso.

Labov teve a necessidade de opor a Sociolinguística à Linguística, pois a primeira não fazia um estudo da língua fora do contexto social e não analisava somente as questões relacionadas à estrutura ou à gramática da língua, como a segunda o faz. Dessa forma, podemos dizer que Labov construiu sua teoria opondo-se especialmente à orientação de Saussure e de Chomsky, pois ao invés de privilegiar a *langue*, Labov privilegiou a *parole* por meio de uma perspectiva social e não individual.

Labov salienta o ponto de vista de Saussure acerca das distinções de *langue* e *parole*, sobre as quais se entende a primeira como uma parte social da linguagem que não existe fora uma convenção social estabelecida entre os membros da comunidade, e a *parole* como uso individual da *langue*. Além disso, Saussure concebia a Linguística como uma ciência que estuda os signos no seio da vida social. Sobre essas perspectivas, Labov revela um contrassenso, visto que, uma vez estabelecido que a língua pertence ao social, como ela pode ser estudada sem

fazer referência a esse âmbito, sem utilizar as questões pertencentes ao extralinguístico. Essas observações revelam uma crítica aos linguistas que tiram o caráter social da língua e que estudam-na somente no meio linguístico, desconsiderando os aspectos extralinguísticos.

Labov ainda vai além, ao demonstrar o paradoxo saussuriano: em que o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social, ele evidencia a incoerência de não se poder estudar a *parole* a partir do testemunho de qualquer pessoa, somente em grupos.

Corroborando com a dicotomia *langue* e *parole*, Chomsky, ao estudar a língua como abstração, cria uma distinção entre competência — conhecimento abstrato das regras da língua —, e desempenho — seleção e execução dessas regras —, para, em seguida, explicitar que suas preocupações eram em relação à língua como objeto do estudo linguístico em uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual. Contrariando esse pensamento, Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que:

Na explicação da mudança linguística, é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema linguístico como um todo. [...] Assim, a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 [2006], p.123)

Dessa forma, podemos compreender que a língua se modifica sob a influência de elementos internos e externos ao sistema linguístico, dos quais os fatores externos são relativos aos aspectos sociais e estilísticos e os internos são relativos aos fatores da própria língua.

Ademais, precisamos compreender que os elementos extralinguísticos influenciam, em maior ou menor grau, o sistema linguístico e, portanto, os linguistas devem manter-se atentos a como essa interferência acontece e a como os falantes da língua percebem-na ou não.

Além de teorizar os aspectos fundamentais da Sociolinguística, Labov esclarece e norteia seu método de pesquisa como um estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social de uma comunidade de fala, posto que existem maneiras alternativas de se dizer “a mesma” coisa, principalmente no nível fonológico, que é o mais fácil de se encontrar variação.

A variação linguística, de acordo com Mollica (2004, p.10), é “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. A autora parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Logo, podemos notar a variação linguística sob os ângulos estruturais (fatores linguísticos) e sociais (extralinguísticos).

Dessa maneira, podemos afirmar que a variação linguística é motivada e acontece quando temos duas ou mais variantes em competição, em que uma será tida como a forma mais aceitável e mais usada pelos falantes. Para compreender a distinção entre variante e variável, temos as seguintes concepções de Tarallo (2007) e, em seguida, de Mollica (2003):

“Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. (TARALLO, 2007, p.8)

Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância (MOLLICA, 2003, p. 11).

Em outras palavras, percebemos que a variável é entendida como um aspecto da língua que pode variar em relação ao uso alternado de variantes, estas que são as possibilidades de escolha do falante. Nesse momento ressaltamos que as variantes que se configuram como alternativas no sistema linguístico são consideradas sintaticamente iguais quando o falante faz esse uso alternado, sem se policiar, ou seja, por meio da fala espontânea, as variantes ganham o *status* de terem o mesmo valor de verdade linguística. Caso o falante se policia-se, ele muito provavelmente iria escolher a variante de mais prestígio, especialmente no caso da escrita dos jornais, uma vez que a redação do jornal tende a ser mais formal que a produção na oralidade.

De acordo com o que foi visto até então, salientamos a relevância da questão do uso da língua pelos falantes e não por prescrições estabelecidas pelos gramáticos normativos, de maneira que vamos analisar a língua em uso, sob a perspectiva de língua real e não de língua e falante ideal.

Sobre a variação em processo, vemos que, de acordo com Castilho (2010, p.88) a mudança das estruturas põe o problema da transição, isto é, há estágios intermediários nessa mudança, os quais podem ser empiricamente observados e controlados, visto que uma mudança linguística pode ocorrer numa gradação discreta (Weinreich / Labov / Herzog, 1964, p.170).

Devido a esses fatores, a mudança linguística não é imediatista e não é considerada como mudança se um número significativo de falantes, dentro de uma comunidade linguística, não assumir essa variante como possível no sistema linguístico. Colocamos como “possível” e não “aceitável” por causa do preconceito que permeia a língua, especialmente em relação ao que se pregam nas gramáticas normativas e os falantes de norma culta.

Um aspecto interessante de se notar é que Labov acredita na *evolução* da língua, entretanto, julgamos que esse vocábulo está sendo usado de maneira equivocada, haja vista que essa palavra pressupõe uma melhora, de modo que a língua que era usada pelos falantes de outra época não era suficiente para suas necessidades linguísticas, essa pressuposição é inverídica posto que os usuários da língua atualizam-na à medida que for necessário, criando e abandonando termos nela quando, por intuição linguística, acharem pertinente.

De tudo o que foi elencado até aqui, percebemos que a língua é constitutivamente heterogênea, que ela muda graças às necessidades dos falantes e que por isso, de épocas em épocas, em pelo menos um segmento da língua haverá variantes que podem desencadear uma mudança linguística, ou seja, uma variação linguística. Isso porque “a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 [2006], p.87), na mesma perspectiva, Labov afirma:

[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas multiestratificados é que seria disfuncional. (Weinreich, Labov & Herzog 1968: 101) Tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala. (LABOV, 1972)

Sobre esse excerto, percebemos que Labov demonstra preocupação em eliminar a associação entre estrutura e homogeneidade, pois, mesmo a língua em variação, ela tem uma estrutura, uma vez que não são todos e quaisquer níveis da língua que se modificam, e isso não

revela homogeneidade linguística. Nesse momento, é importante reportarmos um trecho de uma entrevista de Labov em que ele nos diz:

Eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia a dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos. (LABOV, 2007, p.)

É para alcançar objetivos que fujam somente do sistema linguístico que propomos nossa pesquisa, pois julgamos necessário revelar padrões de uso da língua, sem imaginá-la como algo ininteligível e inalcançável. Também porque sabemos que a língua é usada para fins de manipulação e de poder, assim como nos diz Câmara Junior (2011):

As classes superiores dão se conta desse fato [de que a linguagem reflete um grupo social] e tentam preservar os traços linguísticos pelos quais se opõem às classes inferiores. Tais traços são considerados corretos e passa a haver um esforço persistente para transmiti-lo de geração a geração. (CÂMARA JUNIOR, 2011, p.)

Isto é, a gramática tenta manter, na língua, estruturas que a diferenciem do uso real, pois a língua idealizada por manuais não é aquela realizada no vernáculo, e isso está atrelado ao poder que as classes dominantes querem exercer e exercem sobre as classes dominadas, sendo assim, devemos analisar atentamente se a variação dos verbos **ir** e **chegar** não revelam que um jornal tenta ser mais formal que outro e o porquê de isso acontecer.

2.3) As pesquisas em Sociolinguística

De acordo com Fernando Tarallo (2004), as variantes linguísticas se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte. (TARALLO, 2004, p.6). Essa metáfora é bastante interessante para ser discutida, pois uma variante, à medida que é inutilizada pelos falantes, vai deixando de existir na língua como um todo, até o momento que se torna um arcaísmo, ou seja, pertence ao a língua de uma determinada comunidade linguística de um outro período histórico e não mais existe na atualidade, pois, provavelmente, foi substituída pela variante concorrente.

Esse processo de atualização do sistema linguístico é muito bem explicitado nas seguintes palavras de Tarallo (2007):

Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre em variação. Mudança é variação! Os resultados de análises de variantes apontam, de maneira geral, para duas direções distintas: 1. A estabilidade das adversárias (“relação de contemporização” pela subsistência e/ou coexistência de variantes); 2. A mudança em progresso (que reflete uma situação de duelo de morte entre as variantes). Nos dois casos há luta: cada variante dispõe de certas armas (isto é, os grupos condicionadores, linguísticos e não linguísticos) para combater sua(s) adversária(s). (TARALLO, 2007, p. 63)

Esse processo de variantes coexistirem é natural a qualquer e a toda língua em uso do mundo, mas o que é relevante, na pesquisa Sociolinguística, é descobrir motivações, ou razões que qualifiquem o uso de determinada variante em relação àquela que é concorrente.

É importante ressaltar que a variante considerada padrão é quase sempre a mais aceita pela comunidade linguística e a não padrão costuma ser estigmatizada pelos falantes. Isso não quer dizer que uma é mais correta que a outra, mas sim que há uma atitude sociolinguística do falante em relação a usar ou não certas variantes, posto dessa forma, podemos nos reportar ao estudo que Labov fez sobre a comunidade de fala da ilha Martha’s Vineyard, a qual apresenta um registro de resistência linguística, mantendo muitas características arcaicas e, provavelmente, típicas da Inglaterra do século XVIII, ainda preservadas depois de muitas gerações.

Essa preservação linguística dos nativos provavelmente era feita visando a se rebelar, renunciando a pressão social feitas pelas culturas dos visitantes e veranista, ou seja, os falantes preferiam, por escolha consciente, não realizar a variante dos “invasores” dessa ilha. Sendo assim, Labov ressalta que os falantes nativos assumiam posturas linguísticas que demarcavam sua identidade cultural.

Por outro lado, devemos ressaltar que a diversificação linguística não impede os membros de uma mesma comunidade linguística de se comunicarem, mas estigmatizam os falantes, especialmente em sociedades estratificadas socioeconomicamente como, por exemplo, a do Brasil, visto que as classes menos favorecidas costumam realizar uma variante linguística

que, geralmente, é condenada pela classe alta, a qual, na maioria das vezes, detém a variedade padrão e / ou culta da língua portuguesa.

Voltando para a nossa pesquisa, julgamos que haverá uma maior fidelidade aos preceitos estipulados pela gramática tradicional no jornal veiculado nacionalmente, pois ele é lido por uma maior parcela de brasileiros e também por ser comercializado com mais frequência entre as diferentes classes sociais do país.

Dessa forma, o jornal, para a nossa pesquisa, possibilita o estudo quantitativo do uso das variantes nos diversos textos em que ocorre a variação, demonstrando qual é o índice de infiltração permitido e(ou) tolerado pelos órgãos normalizadores da fala, ou seja, os textos escritos.

3) REVISÃO DA LITERATURA

3.1) Os verbos:

Os verbos são essenciais na construção de frases, de textos. Desde o latim havia a separação morfológica entre dois grandes grupos: o de nomes e o de verbos. Atualmente, temos dez classes de palavras: o artigo, o numeral, o substantivo, o pronome, o verbo, a conjunção, o advérbio, a interjeição, adjetivo e a preposição. Dentre essas classes, dedicamo-nos ao estudo dos verbos e das preposições relacionadas no nível da sentença. Para tanto, reportamo-nos a Cunha & Souza (2007):

Nas línguas naturais há sempre um verbo semanticamente presente nos enunciados, o que significa que a classe dos verbos é um universal linguístico, na medida em que está presente em todas as línguas conhecidas. (CUNHA; SOUZA, 2007)

Como vimos, as línguas naturais apresentam em sua estrutura a classe dos verbos, na língua portuguesa, isso não ocorre de maneira diferente, especialmente porque no PB é em torno do verbo que se organizam as orações e os períodos. Sobre os verbos, é preciso que saibamos que:

[...] é a natureza semântica do verbo que determina como a oração deverá ser formada: que nomes podem acompanhar o verbo, que relação sintática esses nomes mantêm com o verbo (sujeito, objeto, etc) e qual papel semântico (agente, paciente) esses nomes desempenham. [...] o verbo é o ponto de partida da descrição da gramática de uma língua. (CUNHA; SOUZA, 2007)

Sendo assim, compreendemos que é o verbo que escolhe a preposição que deverá acompanhá-lo, e é a preposição que define o argumento. Posto dessa forma, segundo Castilho (2010), percebemos que “as sequências formadas por verbo + sintagma preposicional encerram uma cadeia de transitividade”.

Dessa forma, segundo Neves (2000), deve-se ter em mente que o predicado tem propriedades sintáticas e semânticas, com a forma lexical, a categoria, o número e a função semântica dos termos, além das restrições de seleção a estes impostas, isto é, a relação que esses termos fazem uns com os outros não ocorre de maneira aleatória, um determina o outro.

Seguindo a perspectiva de relação entre verbo e seus argumentos, faz-se necessária uma explicação sobre a transitividade dos verbos, para isso, temos a seguinte concepção de Rocha Lima (2003):

O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que a sua supressão torna o predicativo incompreensível, por omissão ou incompleto. Em função do tipo de complemento que requerem para formar uma *expressão semântica*, assim se podem classificar os verbos: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais, bitransitivos. (ROCHA LIMA, 2003, p.340)

Os verbos **ir** e **chegar** são classificados como verbos de movimento, pois eles envolvem o deslocamento do sujeito a um outro ponto de referência. Além disso, podemos entender que os verbos de movimento como sendo essencialmente transitivos circunstanciais, de maneira que, esses verbos exigem, segundo Rocha Lima, um “complemento de natureza adverbial”. Esse complemento pode aparecer das seguintes maneiras:

- Indicando um lugar — Chegamos à praia.
- Indicando uma pessoa — Chegamos com os primos.
- Indicando um objeto — Vamos de carro.

Ademais, podemos perceber que esses verbos vêm acompanhados de inúmeras preposições, sendo assim, fica evidente que o campo de análise é vasto. Entretanto, para alcançar o escopo de nossa pesquisa, não basta que esses verbos admitam o uso de diferentes preposições, é preciso que elas estabeleçam relações sintáticas com valores semelhantes de verdade. Sobre essas relações, reportamo-nos ao *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil* que diz o seguinte:

CHEGAR

Indica processo. 1. Com sujeito **paciente** expresso por nome **concreto** e com complemento de direção, apagável, significa *vir, atingir o ponto de chegada*: *O trem chegou ao Rio abarrotado de passageiros; Minha carta já deve ter chegado à São Paulo. [...]* 2. Com complemento de

direção, apagável, significa *vir, atingir*: *A muito custo Sofia chegou até a janela; Cheguei em casa ainda sob o domínio dessas ideias.* [...] 4. Com sujeito **inativo** expresso por nome designativo de **lugar** e com complemento da forma **a/até** + nome designativo de **lugar**, significa *estar nos limites, ser vizinho*: *Nossa fronteira chega à Bolívia.*

IR

Indica ação com sujeito **agente**. 1. Com complemento de direção, apagável, significa *pôr-se na direção de, deslocar-se*: *Quando você vai a São Paulo?*; *Desde os 15 anos [José] tinha vontade de ir para os Estados Unidos (Z, 12); De manhã foi para o serviço (CE 10);*

Como vimos, há distinções em relação à forma que as preposições se encaixam na complementação dos verbos, mas vemos que as formas de uso apresentadas pelo dicionário demonstram um uso diversificado de preposições de acordo com a intenção da frase. No mais, fazemos a seguinte ressalva:

É consenso que há menos variação na sintaxe do que na fonologia, no sentido não só de menos ocorrências de um mesmo fenômeno, mas também de menor variedade de fenômenos (SILVA in MOLLICA, 2003).

Ainda que haja menos variação em relação ao nível sintático da sentença, entendemos que a escolha de uma preposição em detrimento de outras não acontece ocasionalmente, pondo, assim, nossa pesquisa como relevante, pois buscamos identificar as razões motivadoras dessas escolhas, de modo a identificar se há variação e, se sim, se essa variação se apresenta em processo de competição (variação estável) ou se já caminha para uma especialização de uso, seja por ‘generalização’ (aumento de frequência de uso de uma forma e recuo de outra), seja por ‘especificação’ (em que cada variante ocupa contextos distintos).

Além disso, antes de chegarmos à definição do que são as preposições e o que elas representam na língua portuguesa, é relevante reportar que essas partículas pertenceram aos casos latinos **dativo** e **acusativo**, e as línguas que do latim se originaram, as línguas indo-

européias, para compensarem a perda do sistema flexional de caso, desenvolveram uma ordem sintática mais estrita e o sistema de preposições. (MATTOS SILVA, 2008)

O dativo latino foi substituído já pela preposição *a*, já pela preposição composta *para* ou (segundo a pronúncia mais antiga) *pera*. [...] O acusativo empregado em sentido local foi substituído pelas mesmas preposições. (SILVA DIAS)

É importante retomarmos que o caso dativo corresponde ao objeto indireto do verbo, o caso acusativo corresponde ao objeto direto e o caso ablativo corresponde ao adjunto adverbial, pois expressa uma circunstância na oração. Devemos compreender que conceito de perdas de casos do latim pressupunha, na realidade, revestir uma antiga função com uma nova forma, assim evidenciando diferenças de registro linguístico e não propriamente de organização gramatical (TARALLO, 1990, p. 132). Posto assim, a entrada das preposições no sistema linguístico veio para sanar a saída dos casos latinos perante o percurso do desenvolvimento linguística que ocorreu ao longo dos séculos.

Outra questão que devemos ressaltar é que no latim os casos eram marcados na própria forma da palavra, e as alterações morfológicas ocorridas ao longo dos séculos, na realidade, provocaram uma nova sintaxe em que, dada a não-transparência das formas, as funções foram produzidas e percebidas a partir da ordem em que os elementos aparecem na sentença, sendo assim, fixou-se a ordem das palavras. Não em todos os níveis morfológicos há ordem fixa, mas no caso das preposições ela existe quando não há inversão sintática. Vejamos:

a) Clara foi à Uberaba. – ordem direta

b) À Uberaba Clara foi. - ordem inversa

Em relação à gramática tradicional, os verbos **ir** e **chegar** são acompanhados pelas preposições **A** ou **PARA**, devido ao fato de elas carregarem o sentido de direção. Mas, além dessa prescrição gramatical, facilmente encontramos na fala o uso da preposição **EM** associada a esses verbos. Como nestes exemplos:

- a) Irei ao clube. / Irei para o clube.
- b) Paulo chegou à aula. / Paulo chegou na aula.

Nos exemplos anteriores, percebemos que a ideia associada pelas preposições se dão de forma equivalente dentro do mesmo contexto, fato que contrapõe os preceitos das gramáticas normativas tradicionais e os manuais prescritivos.

3.2) As preposições:

O interesse por estudar as preposições se justifica, especialmente, pela importância que essas partículas assumiram na língua portuguesa, e nas demais línguas românicas, devido ao fato de estabelecerem relações sintáticas no nível da sentença, que não existiam no latim na forma como conhecemos atualmente. Mas, apesar de serem muito importantes para as construções frasais em língua portuguesa, as preposições são pouco exploradas nas gramáticas tradicionais e, geralmente, são estudadas sem atentar para as diferentes maneiras que elas têm sido utilizadas no vernáculo.

Precisamos reportar Tarallo (1990) quando diz que o valor das preposições tal qual conhecemos hoje também sofreu alterações, pois o valor inerente de cada preposição do latim clássico modificou-se na passagem para o português e, por extensão, para as línguas românicas em geral, vejamos:

[...] A primeira [preposição **a**] exprimia, no latim clássico, interioridade com referência tanto a lugar quanto a tempo; a segunda [preposição **em**] indicava direção no sentido de adjunção, mas não de interioridade. A gramática histórica do português diz-nos que houve ampliação de **a** para indicar interioridade no lugar de **in** no latim clássico que regia acusativo, indicando movimento **até**, e entrada **em** algum espaço: assim, correspondente a *ire in silvam*, o português moderno apresenta *ir à floresta*. Disso, conforme aponta Câmara Junior (1976, p. 179), depreende-se que o português coloquial do Brasil, que privilegia formas como *ir na floresta*, se encontra, nesse sentido, mais próximo da tradição latina clássica. (TARALLO, 1990, p. 136 / grifos meus)

Assim, por meio das palavras do referido autor, podemos compreender que há sim atualizações no valor das preposições, fato que nos aproxima das realizações linguísticas que eram feitas no passado e passaram a ser condenadas pelas gramáticas normativas.

Para melhor viabilizar os estudos sobre as preposições, separamos em duas vertentes a literatura que envolve essas partículas: a primeira seção trata das preposições pelo viés das gramáticas tradicionais e de usos, e a segunda seção aborda as preposições pelo viés dos estudos linguísticos.

3.2.1) As preposições pela perspectiva das gramáticas:

Para iniciar nossos estudos sobre as preposições, valemo-nos da concepção de Bechara (2009) para compreendermos como essas partículas são definidas na gramática normativa. Bechara defini-as da seguinte forma:

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. [...] Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz. (BECHARA, 2009)

Como podemos perceber, as preposições têm valor relacional e têm a função de introduzir novos termos, sendo assim, não podemos estudá-las separadamente, pois é na relação entre termos que elas se apresentam. Para corroborar essa definição, Bechara (2009) afirma que:

O termo anterior à preposição chama-se antecedente ou subordinante, e o posterior chama-se consequente ou subordinado. O subordinado pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição. [...] O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio. (BECHARA, 2009)

Como foi dito, esse gramático aponta que as preposições estabelecem diferentes tipos de relações entre as mais variadas classes, isso demonstra o caráter relacional anteriormente apontado. Bechara (2009) ainda vai além, quando diz que

A preposição aparece por servidão gramatical, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística. É o que ocorre, por exemplo, com a “regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (tratar de alguma coisa, etc.)” [...] Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo. [...] Não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação. (Bechara, 2009, p.296)

A partir dessas afirmações, é possível compreender que as preposições têm, em geral, um significado primário, mas que pode ser construído ou desconstruído a partir das relações sintático-semânticas que elas estabelecem no contexto e na situação que elas estão sendo utilizadas.

Ademais, é importante determinar que as preposições, na visão de Bechara (2009), são classificadas de duas formas: o grupo das **essenciais** e o grupo das **acidentais**. Vejamos as seguintes definições:

Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem **preposições essenciais**: *a, ante, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*.

São **acidentais** as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afora*, etc. (BECHARA, 2009)

Dessa forma, temos que as preposições **a, para e em**, que são largamente discutidas nessa pesquisa, são catalogadas como essenciais, ou seja, o uso dessas preposições não é facultativo ao falante da língua portuguesa. Como podemos ver nos seguintes exemplos:

- a) “chegada ao limite” (**a, até, contra**, sendo que **contra** se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”);
- b) “mera direção” (**para**).
- c) situação mais imprecisa (**com, sem, em, entre**).

Para as preposições **a**, **para** e **em**, esse gramático faz algumas observações relevantes, como: a preposição **em** pode ser utilizada quando denota lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado, mas ele faz ressalva que a língua padrão não agasalha este emprego com os verbos **vir**, **chegar**, preferindo a preposição **a**: **Ir à cidade; chegar ao colégio.**

Desse mesmo modo, a preposição **para** pode ser usada quando denota termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino, como no exemplo: **“Foi para Europa.”** Esse caso, tentamos refutar no nosso trabalho, pois julgamos que essa ideia de permanência não necessariamente está associada ao uso da preposição **para**.

Na mesma direção apontada por Bechara, Rocha Lima (1999) faz a seguinte definição acerca das preposições:

Preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro. (...) Os termos que precedem as preposições chamam-se **antecedentes**; os que as seguem chamam-se consequentes. Como se vê, a preposição mostra que entre o antecedente o **consequente** há uma relação, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo. (ROCHA LIMA, 1999, p. 180)

Na perspectiva de Rocha Lima, é possível perceber que o tratamento dado às preposições não varia em relação ao que foi apontado por Bechara, uma vez que ele também percebe as preposições como uma classe de palavras relacional que liga um termo anterior a um termo posterior criando uma subordinação.

Por outro lado, Neves (2000), sob a perspectiva da gramática de usos, argumenta que há algumas palavras da língua que pertencem à esfera semântica das relações e processos atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam porções que se sucedem. Nesse sentido, a autora levanta questões relativas às preposições não somente como partícula relacional, mas também como organizadores textuais na formação de textos.

Acerca das preposições que são estudadas em nossa pesquisa, Neves (2000) demonstra que a preposição **a** funciona no sistema de transitividade, isto é, introduz complemento. Dentre

tantas funções, essa preposição introduz o **complemento do verbo**. Esse complemento pode se referir a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência (**meta**). Assim como está demonstrado no seguinte exemplo:

- Movimento em direção a um lugar.

*Em andar vagaroso **cheguei AO muro** dos fundos.*

Já a preposição **em** funciona no sistema de transitividade, introduzindo complemento de verbo. Esse complemento pode indicar o lugar a que alguém ou algo chega. E a preposição **para** introduz complemento de verbo, que se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino, a um ponto final. Assim como nas seguintes situações descritas:

- Movimento em direção a

*Assim, quando pensava que ia **para** Monte Santo, sem saber como voltava **para** Canudos. (CJ)*

Acerca da funcionalidade das preposições, é interessante notar que uma relação semântica pode vir indicada por meio de várias preposições e, por outro lado, uma preposição pode encenar diversas situações sintático-semânticas, e isso não é problemático, pelo contrário, felizmente isso acontece, senão teríamos um número infinito de preposições para configurar cada situação de uso delas.

Dessa forma, compreendemos que a escolha das preposições como objeto do estudo não é acidental, pois visando a demonstrar padrões do PB escrito enquanto materialização mais próxima da oralidade, diversos estudos variacionistas têm analisado o emprego das preposições no PB em diferentes épocas e em diferentes variedades linguísticas.

3.2.2) O estudo das preposições sob a ótica variacionista:

A escolha das preposições como objeto do estudo não foi ocasional. Como já ressaltado anteriormente, vários estudos variacionistas têm analisado o emprego das preposições no PB em diferentes épocas e variedades linguísticas, como por exemplo: a realização do objeto indireto no português brasileiro contemporâneo (BERLINCK 1996, 1997, 1998), o percurso diacrônico desse tipo de complemento (BERLINCK 2000, 2001A, 2001B; TORRES-MORAIS, BERLINCK 2006), a variação de preposições introdutoras de argumentos em documentos do português paulista do século XIX (BERLINCK 2000b, 2003a,b, GUEDES, BERLINCK, 2003), preposições no português quinhentista do Brasil (BERLINCK, 2006, 2007), entre outros.

Podemos afirmar, com base nessas várias pesquisas, que estudar as preposições se explica, primeiramente, pela importância que essas partículas tomaram na língua portuguesa, e nas demais línguas românicas, sendo responsáveis, em grande maioria, pelo estabelecimento de relações sintáticas no nível da sentença.

Um estudo relevante sobre as preposições **a** e **para** que acompanham o verbo IR foi de Mollica (1989; 1991; 1991; 1995), cuja análise da regência do verbo “ir” (ir *ao* Maracanã / Eu ia *pro* sítio do meu tio/Meu pai que ia *no* açougue) aponta para a hierarquização entre as três variantes: a preposição **a** é mais recorrente que **para**, seguindo-se, então, da preposição **em** (MOLLICA, 1996), evidenciando a importância de fatores de natureza semântica.

Outro estudo, de Berlinck e Bueno (2008), retomando a análise de anúncios e cartas de leitores de revistas femininas das décadas de 60 e 90 de Torres-Morais e Berlinck (2006), relembra que o processo de mudança efetivamente caminha nesse sentido: uma “queda” significativa do uso da preposição **a** em relação à preposição **para** durante as décadas anteriormente mencionadas. Essa constatação pode ser observada na **Tabela 1** abaixo:

Tabela 1: Resultados apontados por Berlinck e Bueno (2008).

	Preposições			
	A		PARA	
Período	%	Peso relativo	%	Peso relativo
Década de 60	70%	.71	30%	.29
Década de 90	48%	.30	52%	.70

(Fonte: BERLINCK e BUENO, 2008, p.8)

Berlinck e Bueno (2008) apresentam ainda, em seu artigo, resultados preliminares sobre a análise de preposições, principalmente, encontrados em **notas sociais** e **editoriais** no jornal **Getulino**¹. As autoras, com base nos argumentos de Berlinck, Barbosa e Marine (2008) destacam a importância de se conhecer os gêneros textuais usados como *corpus* e assumem que os textos categorizados como **editorial** representariam um grau maior de formalidade que a **nota social**. Sendo assim, com essa hipótese, acreditavam encontrar, em **editoriais**, um emprego mais acentuado da preposição **a** introduzindo complementos verbais. Para Berlinck e Bueno, na medida em que o uso do **a** constitui a variante mais conservadora nesse processo de variação, a formalidade deveria favorecer o seu emprego. Entretanto, não foi o que se observou como mostra a **Tabela 2** a seguir:

Tabela 2. Uso da preposição A segundo o gênero do texto, no **Getulino**

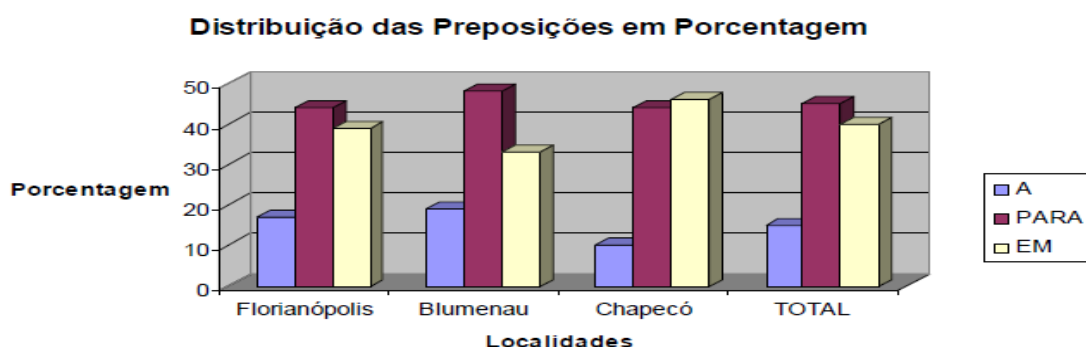
Ocorrências da Preposição A	%	Peso Relativo
Notas Sociais	81%	0.52
Editoriais	75%	0.44

Outro aspecto apontado pelas autoras na caracterização do uso variável da preposição foi a natureza semântica do referente do complemento, fator de análise que também utilizaremos ao analisar os nossos dados.

¹ O **Getulino** foi um jornal com periodicidade semanal, publicado em Campinas –SP, que circulou entre 1923 e 24.

Outra pesquisa relevante acerca das preposições é a dissertação de mestrado de Wiedemer (2008), em que ele analisou também o uso de **a** / **em** / **para** no dialeto catarinense de três cidades – Blumenau, Chapecó e Florianópolis –, e verificou um número maior de ocorrências com a preposição **para** em relação a preposição **a**, variando com os contextos:

Gráfico 1: Distribuição das preposições no trabalho de Wiedemer



(Fonte: WIEDEMER, 2008, p.86)

Nessa pesquisa, de acordo com o autor, há pelo menos três fenômenos diferentes atuando sobre a regência do verbo **ir** quando indica movimento: o primeiro, é o processo de mudança em andamento o qual registra um recuo gradativo da preposição **a** concomitantemente um aumento do uso da preposição **para** e **em**; segundo, há uma estabilidade no processo de variação entre as preposições **para** e **em**; e terceiro, há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições.

Sobre esses contextos, podemos destacar algumas observações feitas por Wiedemer (2008), é possível notar uma competição entre as preposições quando se observa o N locativo. O N locativo em relação à variável “demarcação do espaço” demonstrou que a preposição **para** ocorre mais quando introduz local [-fechado] e **em** [+fechado]. Em relação à variável “configuração do espaço”, encontrou-se as preposições **a** e **em** competindo quando confrontadas com os fatores “lugar/instituição personificada” e “lugar/evento”; ademais, **a** e **para** estão em competição em relação ao fator “espaço geográfico”; e as preposições **para** e **em** estão em competição em relação aos fatores “lugar/instituição” e “lugar/objeto”.

Contrariando esses resultados, podemos citar a pesquisa de Ribas (2007) sobre a regência em verbos de movimento, em um *corpus* do PB composto por editoriais e reportagens da revista Criativa, da Editora Globo, publicadas entre os anos 1995 e 2005, na qual ele revelou

que o uso de tais verbos, pelo menos na grande maioria das vezes, está em consonância com o que prescreve a gramática tradicional, ou, pelo menos, não vai ao encontro daquilo que ela descreve como incorreto.

Com base no que foi apresentado, podemos observar que pesquisas como de Torres-Morais e Berlinck (2006) e Wiedemer (2008), apontam uma “preferência” do uso da preposição **para**, às vezes **em**, tanto em textos da modalidade escrita como da modalidade oral.

Em contrapartida, outras pesquisas como de Berlinck e Bueno (2008), que destacam que no início do século XX, em jornais escritos em Campinas, havia uma alta porcentagem de emprego da preposição **a** (81% em notas sociais, texto menos formal) e a de Ribas (2007), que observa uma alta ocorrência de preposição **a** em revistas (escritas em 1995 e 2005), revelam que o emprego das preposições em textos escritos não foge ao que prescreve a gramática tradicional.

Outra pesquisa que podemos destacar acerca dos estudos das preposições é o de Oliveira e Kewitz (2003), a qual analisou os adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição **a**, tentando precisar contextos que permitiram a perda dessa preposição, para isso usou como arcabouço de pesquisa, os resultados da análise de dados extraídos de cartas enviadas aos jornais e de anúncios publicados nos jornais do séc. XIX.

Essa análise buscou compreender se em relação aos verbos de movimento havia variação no uso das preposições e quais eram usadas com o valor meta. Ademais, verificou se todos os verbos acompanham o mesmo processo ou se há verbos que tendem ao uso de **para** ou **em**. E em que contextos as preposições poderiam ser apagadas.

A análise chegou aos seguintes resultados.

Tabela 3: Verbo de movimento X preposição: anúncios e cartas

A	PARA	EM	O
Voltar, Regressar Tregar, Elevar-se			
	Retirar-se, Partir, Seguir, Embarcar, Viajar		
		Passar	
Vir, Sair, Correr	Vir, Sair, Correr		
Ir, Subir	Ir, Subir	Ir, Subir	
Chegar		Chegar	

Acerca dos dados encontrados por Oliveira e Kewitz (2003), a pesquisa revelou que não houve nenhum caso de omissão de preposição com os verbos de movimento. Entretanto observou que alguns verbos aparecem mais com determinadas preposições que outras, como, por exemplo, os verbos **voltar**, **regressar** ocorrem apenas com a preposição **a**. Os verbos **retirar-se**, **partir**, **seguir** ocorrem apenas com a preposição **para**. Os demais verbos apresentam variação: **vir**, **sair**, **ir**, correr ocorrem com as preposições **a**, **em** e **para** e **chegar** e **ir** ocorrem com as preposições **a** e **em**.

A pesquisa demonstra que os verbos **ir** e **chegar** apresentam variação, a notar por frases como “e como fosse **para** a Villa de Sanctos...(SP29)”, em que nesse caso a preposição explicita uma direção sem indicar movimento, portanto o uso da preposição **para** estaria atrelado a contextos que indicam direção, sem estar associada ao movimento do verbo (*a estrada vai para Jundiá*).

Já a preposição **em** com verbo de movimento parece ter entrado no sistema a partir de verbos apresentativos, uma vez que verbos como **chegar**, além de ser um verbo de movimento, podem ser considerados apresentativos, como **aparecer** e **comparecer** que ocorriam com as preposições **a** e **em**.

Sendo assim, os estudos de Oliveira e Kewitz (2003) demonstram uma perspectiva diferente de análise das preposições na qual o contexto em que aparece uma preposição em detrimento de outra não necessariamente são usadas nas mesmas situações de alternância, posto

assim, devemos analisar os contextos que inserem os dados de nossa pesquisa, pois a investigação sociolinguística só é relevante se de fato houver uma variação entre as variáveis cambiáveis.

No campo da pesquisa sociolinguística, podemos reportar os estudos de Vieira (2009), o qual dedicou-se a compreender também a variação das preposições em verbos de movimento. Para alcançar o escopo da pesquisa que era identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha da preposição que rege verbos de movimento, Vieira (2009) analisou 39 entrevistas de falantes das cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

A pesquisa de Vieira (2009) tinha como hipótese que a variação no uso das preposições com verbos de movimento pode ser resultado de um afrouxamento, no plano conceptual, da relação entre a preposição e o verbo, por um lado, e do estreitamento da relação entre preposição e argumento do verbo ou adjunto, por outro lado. Posto dessa forma, a variação ficaria dependente de fatores linguísticos – o “tipo de verbo”, “configuração do espaço”, “grau de definitude” e de “determinação do locativo”, “traço semântico [\pm permanência]”, “existência de elemento interveniente entre o verbo e a preposição”. Já os fatores extralinguísticos são “sexo”, “escolaridade”, “idade” e “variável geográfica”.

De acordo com os dados encontrados por Vieira (2009), o estudo revelou que o deslocamento da articulação verbo-preposição para verbo-locativo que acontece no português brasileiro não ocorre livremente, mas sim está condicionado a circunstâncias semânticas e, possivelmente, a circunstâncias pragmáticas. Sendo assim, há motivações linguísticas e extralinguísticas atuando na seleção da preposição que rege os verbos de movimento. Ademais, foi possível reconhecer que a escolha de uma ou outra preposição está relacionada tanto a traços semânticos do locativo e do verbo quanto da preposição.

Acerca do verbo **chegar**, houve pouca variação no uso das preposições **a** e **em**. O verbo **ir**, ao contrário, apresentou significativa variação, sendo a regência com **a/para** a variante preferida na amostra analisada.

Dentre os aspectos linguísticos selecionados para o estudo, o traço semântico [\pm permanência] foi o que tornou-se mais relevante na escolha da preposição que irá reger o verbo, visto que a ideia de permanência favorece o aparecimento da preposição **a/para**, enquanto que com o traço [-permanência] quase não ocorre com a preposição **em**.

Outros fatores relevantes na escolha da preposição, especialmente com o verbo **ir**, foram “grau de definitude” e de “determinação do locativo” e “configuração do espaço”. Esses fatores demonstraram que a indeterminação do locativo e o fato de ter como referente um local [+aberto] propiciam o uso das preposições **a/para**, enquanto que a determinação e definição do locativo e o fato de ter como referente um local [-aberto] favorece a escolha da preposição **em**.

Segundo as análises e estudos estabelecidos por Vieira (2009), foi possível chegar à conclusão que a preposição que rege o verbo de movimento tende a harmonizar-se semanticamente com o seu adjunto subsequente.

Outra pesquisa bastante valorada no campo da Sociolinguística é a de Pedrão (2002) denominada “O que se esconde por trás do uso das preposições **a** e **em**”. O contexto usado foi o de verbos que indicam movimento tanto em relação ao português brasileiro quanto em relação ao português europeu. O corpus foi composto por relato, cartas, peças de teatro, no qual buscava-se traçar uma linha de usos das preposições **a/em** desde o português do século XVI que deu origem ao português brasileiro até o português realizado atualmente, buscando revelar os fatores que influenciam no emprego de uma e de outra preposição.

Ao longo da pesquisa, Pedrão (2002) percebeu que há uma tendência do uso das gramáticas normativas de se exigir a preposição **a**, fator que se ancora na gramática portuguesa do século XVI. Entretanto, essa regra é infringida na fala, quando se opta pela preposição **em**, fato que já acontecia no português realizado no século XVI, durante o período de colonização brasileira.

Como por evolução da língua, o português europeu optou pela preposição **a** e o português brasileiro pela preposição **em**. É possível afirmar isso quando se nota que uma das primeiras preposições que uma criança brasileira internaliza é a **em**. Sendo que essa mesma criança irá adquirir a preposição **a** quando passar a ser influenciada pela norma-padrão ensinada na escola, ensino que se perpetua desde a época que as elites se instalaram no Brasil no século XIX, visando a manter alguma identificação com a variedade linguística que até então era realizada em Portugal.

Pedrão (2002) chega à conclusão que o que se esconde por trás do uso de **a/em**, é que **a** é empregado com sintagmas nominais com núcleos masculinos, indicando noção; e a preposição **em** é empregado com sintagmas nominais com núcleos femininos, indicando

espaço, isso se deve devido ao volume sonoro, pois a preposição **em** tem um volume sonoro maior, especialmente quando se contrai com os artigos.

As pesquisas anteriormente elencadas e outros apontamentos de mudança e variação linguística nos motivam e nos levam a questionar se essas variações também podem ser observadas nas preposições que acompanham os verbos **chegar** e **ir** no PB escrito de jornais regionais e nacionais ou se o uso dessas preposições não contraria o que indicam as nossas gramáticas normativas.

4) PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que utiliza a teoria da variação linguística, de maneira sucinta, é aquela que agrupa uma quantidade significativa de dados criteriosamente selecionados a partir da língua visando a analisá-los de acordo com o propósito pretendido. Isto é:

Uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que “frequentemente”, “ocasionalmente”, ou “às vezes” se aplicam. A evidência quantitativa para a covariação entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. A covariação pode ser oposta à co-ocorrência estrita, ou a co-ocorrência pode ser concebida como o caso limite da covariação. (LABOV in MATTOS SILVA, 2008, p. 103)

Sendo assim, para proceder com a pesquisa sociolinguística, selecionamos dados do PB escrito em jornais que serão analisados de modo a seguir os padrões estipulados por esse tipo de pesquisa.

Inicialmente selecionamos as ocorrências à medida que elas apareciam com os verbos **ir** e **chegar**, quando apresentavam as preposições **a** / **para** / **em**. A leitura para buscar as ocorrências foi feita em relação a todos os gêneros textuais independentemente da formalidade e da informalidade que ele poderia apresentar; somente excluímos as propagandas e anúncios publicitários. Agimos dessa forma pois estamos nos preocupando com o nível sintático da ocorrência e não o semântico.

Com o corpus em mãos, e nossas perguntas de pesquisa como norte, fizemos a descrição de fatores que possibilitam o uso de variantes concorrentes, analisamos os fatores condicionadores de variação e fizemos uma projeção sobre o que poderá acontecer em relação ao uso das preposições. Em nossa pesquisa, buscamos perceber a força que a função sintática tem em relação à estigmatização ou não das variantes e até que ponto essa standardização ocorre em textos jornalísticos.

Seguindo os propósitos de nossa pesquisa, julgamos que esta pesquisa comporte aspectos da pesquisa quantitativa e da qualitativa, ou seja, é quantitativa, pois faz um levantamento numérico de dados, tratando-os estatisticamente por meio do programa VARBRUL; e é qualitativa porque analisa sistematicamente as ocorrências.

Para construir o *corpus* e a análise de nossa pesquisa, selecionamos os jornais escritos em Uberaba, figurado pelo **Jornal da Manhã**, e pelo jornal de circulação nacional, figurado pelo jornal **Folha de São Paulo** para que assim possamos perceber uma variação que pode estar tanto no âmbito nacional, quanto no âmbito regional.

A respeito do desenvolvimento dessa pesquisa, a coleta de dados ocorreu à medida que encontramos as ocorrências nos jornais supracitados, para assim serem catalogadas e arquivadas. Todos os jornais foram comprados e guardados, quando forneceram ocorrências para a nossa pesquisa.

Para fins organizacionais, separamos essa seção em duas partes, na primeira tratamos dos jornais como suportes para as pesquisas de cunho linguístico, uma vez que eles guardam, na própria estrutura, a língua de um povo num determinado período histórico-social. E na segunda parte, demonstramos quais foram as variáveis dependentes e independentes analisadas em nosso *corpus*.

4.1) Os jornais:

A nossa pesquisa é de cunho sociolinguístico, porque trata do uso da linguagem num determinado período histórico-social. Para viabilizar nosso estudo, escolhemos o jornal, pois ele é composto por textos mais próximo do nosso vernáculo, e porque inclui gêneros diferenciados em sua própria estrutura, como a notícia, as cartas do leitor, as notas sociais, as propagandas, entre outros. Além disso, os jornais oferecem o benefício de serem datados e localizados no espaço.

Segundo Barbosa e Balsalobre (2008), “o jornal geralmente não considera o ideal de correção gramatical em favor de uma expressão direta em que se neutralizam os diferentes níveis de linguagem”. Isso se corrobora ainda nos estudos de Berlinck e Bueno:

O texto jornalístico, a nosso ver, constitui um espaço privilegiado para analisarmos processos de implementação de mudanças. Trata-se de um texto público, que tanto atua sobre os componentes da situação sócio-histórica ao qual está vinculado, quanto sofre influências dessa situação. Tem, assim, um duplo papel de agente e paciente. Parece-nos que essa dualidade faz dele uma fonte muito rica para se avaliar a expressão da **norma (linguística) prescritiva** - socialmente prestigiada - e, ao mesmo tempo, detectar características inovadoras da(s) **norma(s) objetiva(s)**, que, de tão presentes no uso, começam a ser incorporadas à escrita menos formal. Ou seja, o vínculo que mantém com a realidade social, condição de sobrevivência para o jornal, determina que o texto seja dinâmico, podendo, em certo grau, refletir a dinamicidade da língua. (BERLINCK, BUENO, 2008)

Dessa forma, podemos compreender que as pesquisas baseadas em jornais têm um *corpus* bastante rico, devido, sobretudo, à diversidade de textos que os jornais possuem e por apresentarem mais o fenômeno de variação, pois eles não seguem um ideal de gramática, já que eles estão a serviço do público-alvo (os leitores).

Além disso, o jornal consegue captar a língua que marcou uma determinada época, posto que o texto jornalístico precisa sobrepor a comunicação ao ideal prescrito nas gramáticas, devido ao fato que os leitores devem conseguir depreender o que está sendo informado.

Valemo-nos do jornal justamente por ser uma fonte riquíssima de informações sobre o nosso vernáculo e principalmente por conter textos que se aproximam mais do informal possibilitando, assim, a viabilidade de nossa pesquisa, pois o jornal mantém uma relação mais próxima com a variante utilizada pelos falantes, deixando-nos em contato com a língua usada nas sincronias escolhidas e não com a língua prescrita pelos livros de gramática.

Para poder demonstrar a importância dos jornais escolhidos para essa pesquisa, fizemos uma revisão histórica deles, buscando apontar como eles foram testemunhas de períodos históricos regionais e nacionais.

4.1.1) A Folha de São Paulo

A história da **Folha de S. Paulo** ² começa em 1921, com a criação do jornal "Folha da Noite", o qual era voltado para a classe média urbana que emergia de uma sociedade ainda baseada na monocultura do café.

Em seguida foi fundado, em julho de 1925, o jornal "Folha da Manhã", edição matutina da "Folha da Noite". E depois de alguns anos surgiu a "Folha da Tarde". Mas, em 1º de janeiro de 1960, todos esses três jornais se fundiram para que surgisse o jornal **Folha de S. Paulo**.

Os caminhos que esse jornal percorreu foram de grande sucesso, tanto que durante a década de 80, a **Folha** assumiu a liderança da imprensa diária brasileira como o jornal de maior circulação do país. Atualmente, circula ao lado de muitos jornais influentes como O Globo, Correio Brasiliense e O Estado de S. Paulo.

É importante dizer que a **Folha de S. Paulo** é um jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo, portanto mais influenciado pela região sudeste. Além disso, ao informar, esse jornal tenta manter como filosofia o pluralismo, o apartidarismo, o jornalismo crítico e analítico e a independência.

Esse jornal se articula da seguinte forma: diariamente tem a seção A - Primeira Página, Opinião, Paineis, Poder e Mundo, seção B – Mercado -, seção C - Cotidiano, Saúde, Ciência, Folha Corrida -, seção D – Esporte -, e finalmente a seção E – Ilustrada. Além da composição diária, temos as seções que são publicadas semanalmente, que apresentam estes cadernos: segunda-feira: Folhateen, Tec; terça-feira: Equilíbrio; quarta-feira: Comida; quinta-feira: Turismo; sábado: Folhinha; domingo: Ilustríssima.

Devemos perceber então que a **Folha de S. Paulo** é um jornal de grande circulação, com um público variado, e por vezes exigente, que atende a uma demanda nacional. Sendo assim, julgamos que esse jornal pode ser mais formal pois atende a leitores de classes mais abastadas.

² As informações acerca do jornal **Folha de São Paulo** foram retiradas do sítio <http://www.folha.uol.com.br/>, o qual foi visitado no dia 30 de julho de 2013.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FREIAS FILHO

ANO 92 • SEGUNDA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 2013 • Nº 36.734

EDIÇÃO SP/DF • CONDIÇÃO ÀS 23H39 • R\$ 3,00



ESPORTE
Corinthians vence o São Paulo nos pênaltis e vai à final com o Santos

Pato comemora o 4 a 3 sobre o tricolor no Morumbi

O PAULISTANO E A MEIA-ENTRADA

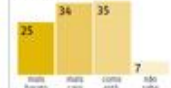
Majoria é a favor da existência do benefício

96% para idosos
91% para estudantes

Opinião sobre projetos que limitam número de ingressos com desconto



Como ficará o preço de ingresso?



Projeto que limita a meia-entrada é aprovado por 51%

Mais de 90% dos paulistanos são a favor de descontos no ingresso, mas só 40% defendem a venda irrestrita

A maioria absoluta dos paulistanos aprova a meia-entrada para estudantes e idosos, mas se divide sobre o seu alcance. Pesquisa Datafolha na cidade de São Paulo revela que 51% são favoráveis aos projetos de lei que limitam o número de ingressos com desconto. Outros 40% são contrários.

O Estatuto da Juventude aprovado no último mês pelo Senado restringe a venda da meia a 40% do total dos bilhetes — hoje não há teto. O projeto, que precisa ser aprovado na Câmara, atende aos interesses de produtores, que culpam o excesso de desconto pelos preços altos de atividades culturais.

Cerca de 68% dos paulistanos consideram caros ou muito caros os ingressos cobrados na cidade, e uma parcela semelhante (69%) não crê que a limitação vá ajudar a reduzir esses valores. Só um quarto dos entrevistados acredita na queda dos preços. A pesquisa ouviu 600 pessoas. **Ilustração E1**

ENTREVISTA DA 2ª CÉSAR GAVIRIA

Internação forçada é inocua e deverá fracassar no país

Na visão do ex-presidente colombiano César Gaviria, 66, a internação forçada e a redução da maioridade penal são políticas inocuas e vão na contramão de experiências bem-sucedidas. "O tratamento compulsório não ajuda, quem olhar a experiência internacional concluirá que os resultados são ruins." **Poder A10**



TEC
Teste: futurista, Google Glass é caro e tem um quê de cafona

MARK HURST
É preciso pensar que todos podem ser gravados por óculos sem saber

FOLHAINVEST
Sem IR, cresce a procura por títulos lastreados em imóveis

MÔNICA BERGAMO
Roberto Carlos vira símbolo de grupo contra biografias não autorizadas

MARCOS A. GONÇALVES

Com fraudes, não estudante paga mais para financiar regalia

NÉLIO SCHWARZMAN

Armadilha quase irresistível é mais um Robin Wood às avessas

JOÃO SAYAD

Corrupção brega superfatura até papel higiênico

Proporho, a quem tiver paciência de continuar o trabalho, chamar de corrupção brega aquilo que contra parente e compra papel higiênico superfaturado. Indignado, minha vontade de prosseguir na tarefa acabou. **Opinão A3**

JOÃO SAYAD é presidente da Fundação Paulo de Azevedo, cargo que deixa até junho.

Novo ministro vira esperança para os réus do mensalão

O ministro Teori Zavascki, que tornou posse em novembro no Supremo Tribunal Federal e não participou do julgamento do mensalão, é a esperança dos réus para tentar reverter as penas. Os recursos devem começar a ser julgados nesta semana. A análise de decisões anteriores sugere que o ministro pensa de maneira similar à dos colegas do STF que votaram pela absolvição. **Poder A8**



PROGRAMA DE DOMINGO Público lota o Anhembi para acompanhar a corrida São Paulo Indy 300; James Hinchcliffe, da Andretti, venceu a prova na última curva ao ultrapassar Takuma Sato, que assume a liderança do campeonato **Esporte A6**

320.705 exemplares
impressos + digitais

ATMOSFERA **Cotidiano C3**
Previsão de chuva na Grande SP.
Mínimo 15°C. Máximo 29°C.

FALE COM A FOLHA
Não deixe entrar um contato ruim: serviço ao assinante, ao leitor e a redação. **folha@folha.com.br**

podar 36
Assassinado de matar PC Farias vão a júri quase 17 anos depois.

EDITORIAIS **Opinão A2**
Leia "Saúde à chinesa", acerca de novo vírus e problemas sanitários no país, e "As caras de São Paulo", a respeito de pesquisa Datafolha sobre a cidade.

RODÍZIO **Cotidiano C2**
Não devem circular carros com placas cujo final seja 1.2

PMs ignoram resolução e socorrem um colega baleado

PMs foram filmados, em Moema (zona sul de São Paulo), descumprindo resolução que os proíbe de atender feridos graves. Os policiais demoraram dez minutos para socorrer a vítima de uma tentativa de roubo, um colega, mas mudaram de atitude após ver seus documentos. O crime ocorreu em janeiro. A Secretaria de Segurança Pública diz que vai apurar o caso. **Cotidiano C1**

Metrô paulista perde usuário de renda mais alta

O Metrô de São Paulo conquistou usuários de baixa renda, enquanto os mais ricos deixaram de usar o sistema entre 2001 e 2012. Quase 8 entre 10 passageiros ganham até quatro mínimos hoje. Em 2001, a proporção era de 5 entre 10. Já a fatia dos que ganham mais de oito mínimos caiu de 23% para 7%. **Cotidiano C5**

4.1.2) O Jornal da Manhã

O **Jornal da Manhã**³ foi fundado aos 25 de julho de 1972, em Uberaba, Minas Gerais. Com uma linguagem própria, ele buscou fazer um noticiário sobre a cidade de Uberaba e a região que essa cidade influencia, testemunhando o processo de desenvolvimento de Uberaba e Triângulo Mineiro.

O **Jornal da Manhã** tenta manter como filosofia a credibilidade e a confiabilidade, sem deixar de usar uma linguagem moderna, dinâmica e clara. A máxima que traduz esse jornal é TODO MUNDO LÊ O JORNAL DA MANHÃ. Esse jornal faz coberturas diárias visando a atender à demanda de leitores das diversas camadas sociais que compreendem os locais nos quais circunda.

Atualmente, o **Jornal da Manhã** circula em Uberaba e municípios vizinhos, como Delta, Conquista, Campo Florido, Conceição das Alagoas, Araxá, Araguari, Uberlândia, Veríssimo, Nova Ponte, Ituiutaba, Igarapava, etc.

O **Jornal da Manhã** é dividido em algumas seções: Geral; Cidade; Esporte; Polícia; Política; Saúde; Variedades; Agenda, sendo assim, é bastante diversificado em sua estrutura, contando inclusive com articulistas em suas diversas colunas.

³ As informações acerca do jornal **Jornal da Manhã** foram retiradas do sítio <http://www.jmonline.com.br/novo/>, o qual foi visitado no dia 30 de julho de 2013.



Desocupado é assassinado com 11 facadas

Desocupado Ronaldo Donizete de Melo, 49 anos, foi assassinado com 11 facadas na madrugada de ontem na rua Alfredo de Faria, no bairro Serra Dourada. Vítima possuía várias passagens pela polícia por uso de drogas, furtos e ameaças. Uma testemunha disse que Ronaldo Donizete de Melo, no dia 14 passado, reclamou que estava sendo ameaçado de morte, porém não disse o nome do autor e nem o motivo. No último dia 5, na mesma rua, foi assassinado o também dependente químico Alexandre dos Santos Siqueira, vulgo "Alémão". Ele também foi morto com 11 facadas.

PÁGINA 8

Polícia prende homem armado que queria vingar morte de Papinha

Um homem de 19 anos foi preso na tarde de ontem no "Beço do Burdo", no Jardim Serenita, com arma de fogo e munição. Comandante foi informado de que o acusado queria matar policiais militares para vingar a morte do amigo Marco Fábio Prata Teodoro, vulgo "Budinha" ou "Papinha", morto durante tentativa de subtrair uma carabina de calibre 12 de dentro de uma viatura da Polícia Militar no dia 28 de março passado.

PÁGINA 8

AVISO AOS LEITORES

O site do JM está temporariamente fora do ar devido a falhas no servidor da hospedagem. Lamentamos o transtorno e esclarecemos que estamos trabalhando junto ao suporte da empresa de hospedagem para restabelecer o acesso o mais rápido possível.

Cabo da PM respira com ajuda de aparelhos no CTI do Hospital de Clínicas

Continua internado no Centro de Terapia Intensiva do Hospital de Clínicas o cabo da Polícia Militar Marcelo Alves de Carvalho, 37 anos, baleado na cabeça durante troca de tiros com assaltantes no dia 3 passado. Conforme a assessoria de imprensa do HCL, durante o dia de ontem o cabo Marcelo respirava com ajuda de aparelhos, porém os médicos não confirmaram a morte cerebral, mas também não desmentiram.

PÁGINA 7

PLACAR

LIBERTADORES
Crusieros 1 x 1 Cerro Portão (PR)
Lanus (ARG) 2 x 1 Santos Laguna (MEX)
Lazio (ITA) 2 x 2 Bolívar (BOL)

COPA DO BRASIL
*Cartão 2 x 0 São Paulo
*Vasco 1 x 0 Remo
Goiás 0 x 0 Botafogo-PB
*Coritiba 2 x 0 Cuiabá-MS
*Classificador

LOTÉRIAS

MESA-SENA (sancionada 1391)
04 - 10 - 23 - 33 - 38 - 35
QUINA (sancionada 2419)
25 - 43 - 52 - 59 - 77
LOTÓRIAL (sancionada 1344)
02 - 04 - 05 - 06 - 07 - 08 - 10 - 11
12 - 13 - 17 - 20 - 23 - 24 - 28
PIEDRAL (sancionada 9455)
1º prêmio: 60.024 / 2º prêmio: 65.400 /
3º prêmio: 52.905 / 4º prêmio: 78.063 /
5º prêmio: 07.817



Assassinato de Ronaldo Donizete de Melo, 49 anos, sem semelhança com o de Alexandre dos Santos Siqueira, ocorreu na mesma rua, no mico do mês, no bairro Serra Dourada

Projeto de lei para gestão da ZPE deságua no Ministério Público

Votação do Projeto de Lei que trata da gestão da Zona de Processamento de Exportação (ZPE) desaguou no Ministério Público. O secretário de Desenvolvimento

Econômico, Carlos Assis, colocou dúvidas quanto ao conteúdo do PL, que tramita na Câmara desde fevereiro e já foi discutido em audiência pública na semana passada. Incluído

de última hora na pauta da sessão de ontem na Câmara, o projeto não foi votado porque um grupo de vereadores reagiu à mudança.

PÁGINA 3

Presidente do Codau anuncia mudanças no trânsito da avenida Santos Dumont

Obras de macrodrenagem para duplicação do canal na avenida Santos Dumont terão início na terça-feira (22) e com elas virão também as alterações no trânsito, que ficará impedido na avenida.

Ontem, o presidente do Codau, Luiz Guarita Neto, em coletiva com a imprensa, disse que as obras contra as enchentes serão retomadas e o trecho da Santos Dumont entre a avenida Leopoldina de Oliveira

e rua São Sebastião será fechado. Além disso, também será interditado o trecho da rua Coronel Manoel Borges entre as ruas Senador Pena e Afonso Rato.

PÁGINA 5



Luiz Neto reuniu a imprensa ontem para informar sobre as alterações no trânsito com interdição da Santos Dumont a partir de terça-feira

Tempo	Cidade	Temperatura	Humidade	Classificação
04:00	SOLAR	24°C	65%	Ótimo
08:00	SOLAR	28°C	60%	Bom
12:00	SOLAR	32°C	55%	Muito Bom
16:00	SOLAR	28°C	60%	Bom
20:00	SOLAR	24°C	65%	Ótimo
24:00	SOLAR	20°C	70%	Muito Bom

Receita Federal inicia caça a sonegadores de impostos em Uberaba

Receita Federal realiza desde ontem a operação "Grifo 2" para buscar sonegadores de impostos em Uberaba. Trabalho conta com o apoio do helicóptero EC-135, da Divisão de Operações Aéreas da Receita Federal, que está sobrevoando a região e fotografando vários imóveis de alto padrão. Trabalho, que visa à regularização da contribuição previdenciária incidente sobre obras de construção civil, continua nesta quinta-feira, com a captação de imagens. Serão fotografados cerca de quarenta imóveis.

PÁGINA 4

Reitor da UFTM vai processar alunos por ato na sua residência

Estudantes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro apareceram ontem na porta da residência de Virmondes Rodrigues Junior empunhando cartazes e faixas, bem como dizendo palavras de ordem contra o reitor. Motivo principal do protesto seria o cancelamento da reunião do Conselho Superior Universitário (CSU), que estava agendada para a tarde de ontem. Nos cartazes, além de xingamentos, há palavras de ordem contra o reitor. Ao JM, Virmondes disse que vai processar os alunos e que as manifestações têm motivação política.

PÁGINA 5

Celebrações da Semana Santa começam com a Missa do Lava-pés

PÁGINA 6

4.2) As variáveis:

Ao longo de nossa pesquisa, depois de catalogarmos as duzentas e oitenta e uma ocorrências do *corpus*, elas foram codificadas de acordo com um conjunto de variáveis independentes tanto linguísticas quanto extralinguísticas.

As variáveis foram estipuladas a partir da observação das ocorrências, levando em consideração, também, as perguntas de pesquisa e hipóteses formuladas no início de nosso trabalho.

Para fins didáticos, separamos as variáveis linguísticas em blocos de acordo com a natureza desempenhada por elas na ocorrência, ou seja, variáveis associadas ao verbo, variáveis associadas à preposição e variáveis associadas ao espaço locativo. Utilizamos como variável extralinguística o jornal do qual a ocorrência foi encontrada.

4.2.1) Variáveis dependentes:

A variável dependente é composta de duas variantes, conforme exposto a seguir:

Relativas ao verbo **ir**:

- Variante 1: **ir a**

(1) ...**vai à** fazenda, 2013, março, 21, Jornal da Manhã, amostra 80.

- Variante 2: **ir para**

(2) ...**vão para a Argentina**, 2013, 6 de março, Jornal da Manhã, pág. 5, amostra 96.

Relativas ao verbo **chegar**:

- Variante 1: **chegar a**

(3) ...**chego em casa**, 2013, 7 de março, Jornal da Manhã, pág. 2, amostra 126

- Variante 2: **chegar em**

(4) ...**chegou ao Departamento**, 2013, 8 de março, Jornal da Manhã, pág. 4, amostra 127

4.2.2) Variáveis independentes

4.2.2.1) Variáveis linguísticas

a) **Tempo-modo verbal:** identificar em que tempo e em que modo verbal os verbos supracitados estão conjugados:

Pretérito perfeito do modo Indicativo:

(5) ...**foi ao médico**, 2013, 15 de junho, Folha de São Paulo, caderno Folhinha, amostra 71.

Futuro do presente do modo Indicativo:

(6) ...**irá ao camarote**, 2013, 14 de junho, Folha de São Paulo, caderno A, amostra 47.

b) **o tipo de preposição:** elencar qual preposição está acompanhando os verbos

(7) ...ele irá **à** comissão, 2013, 14 de junho, Folha de São Paulo, caderno A, amostra 50.

(8) ...devem ir **para** Nova Alvorada do Sul, 2013, 14 de junho, Folha de São Paulo, caderno A, amostra, 49.

(9) ... chegou **em** casa, 2012, 6 de novembro, pág. 5, amostra 135.

(10) ... chegar **ao** Rio de Janeiro, 2012, 21 de julho, Jornal da Manhã, amostra 141.

4.2.2.2) Variáveis associados ao N locativo

Em relação ao N locativo, buscamos caracterizá-lo de acordo com a configuração do espaço. Esses espaços são relativos às situações apresentadas pelas ocorrências, de modo que

tentamos catalogar essas propriedades por meio da identificação de traços semânticos comuns entre esses espaços encontrados.

a) Configuração do N locativo

a.1) [lugar/objeto] São os lugares genéricos, objetos sem nomes definidos.

(11) ...chegava em **casa**, 2013, março, 22, Jornal da Manhã, amostra 144.

a.2) [lugar/instituição] São os lugares com nomes definidos.

(12) ...chegar à **Prefeitura**, 2012, 5 de novembro, Jornal da Manhã, pág. 2, amostra 137.

a.3) [lugar/instituição personificada]. São os lugares personificados por uma pessoa.

(13) ...foi ao **médico**, 2013, 15 de junho, Folha de São Paulo, caderno Folhinha, amostra 71.

a.4) [lugar/evento] São os lugares em que ocorrem acontecimentos, como festa, missa.

(14) ...chegará a **festa**, 2013, 12 de março, Jornal da Manhã, pág. 13, amostra 123.

a.5) [lugar/espço sociogeográfico] São os lugares com referência geográfica

(15) ...devem ir para **Nova Alvorada do Sul**, 2013, 14 de junho, Folha de São Paulo, caderno A, amostra, 49.

a.6) [lugar / nível] São os lugares relativos a um determinado patamar.

(16) ...chegar aos **nove pontos**, 2013, 6 de março, Jornal da Manhã, pág. 11, amostra 125.

4.2.2.3) Variação extralinguística:

A variável extralinguística está associada ao jornal que forneceu a ocorrência, para poder contrapor o jornal que circula nacionalmente, a Folha de São Paulo, daquele que circula regionalmente, o Jornal da Manhã.

(17) ...chegou à Secretaria, 2012, 6 de novembro, **Jornal da Manhã**, pág. 4, amostra 134.

(18) ...foi à Câmara de Uberaba, 2013, março, 15, **Jornal da Manhã**, amostra 88.

(19) ...pode até ir para as férias, 2013, 12 de junho, **Folha de São Paulo**, Folha na copa, amostra 58.

(20) chegar ao Mané Garrincha, 2013, 15 de junho, **Folha de São Paulo**, caderno D, amostra 22))

Tendo apresentado todas as variáveis nas quais este trabalho se aporta, resumimos os grupos de fatores que foram lançados no VARBRUL na seguinte diagramação. As letras e os números anteriores a cada variável representam as categorias, as quais tornarão a aparecer na legenda das tabelas que apresentamos na seção adiante.

Verbos

1- Ir

0- Chegar

Tempo-modo verbal

1- Presente do indicativo

2- Pretérito perfeito

3- Pretérito imperfeito

4- Infinitivo

5- Futuro do presente

6- Futuro do Pretérito

7- Presente do subjuntivo

8- Pretérito do subjuntivo

9- Futuro do subjuntivo

Preposição

e – a

f- em

g- para

N locativo

m- lugar objeto

n- lugar instituição

o –lugar instituição personificada

p- lugar evento

q- lugar espaço sociogeográfico

r lugar nível

Jornal

t- Folha de São Paulo

u – Jornal da Manhã

5) CONHECENDO NOSSOS DADOS

Sabemos que a variação e a mudança linguística pertencem ao magma de qualquer língua, pois em função de falantes que a utilizam, ela se modifica. Visando a demonstrar mais informações sobre o PB escrito, especialmente sobre as questões relativas à funcionalidade das preposições, selecionamos jornais de origens distintas (Folha de S. Paulo e Jornal da Manhã) e neles selecionamos duzentas e oitenta ocorrências que foram analisadas conforme a metodologia apresentada na seção anterior.

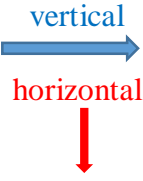
Inicialmente, expomos nas tabelas os dados que se mostraram relevantes, que com os quais pudemos traçar alguns perfis e características relevantes. Depois contrapusemos as informações a fim de traçar uma análise de confronto entre o jornal regional e o jornal nacional. Em seguida, fizemos um paralelo entre os nossos dados e as pesquisas por nós escolhidas, as quais estão presentes na seção “O estudo das preposições sob a ótica variacionista”.

5.1) Discutindo com os verbos

Os dados analisados resultaram em diversas informações que serão apresentadas em forma de gráficos e tabelas. A princípio, é importante ressaltar, como era de se esperar, que as ocorrências dos verbos **ir** só apareceram com as preposições **a** e **para**, porque elas, dentro do contexto desse verbo, configuram-se como alternativas para indicar movimento. Da mesma forma ocorreu com o verbo **chegar**, o qual foi analisado somente com as preposições **a** e **em**.

Primeiramente vejamos como as preposições se comportaram com esses verbos:

Tabela 4: Relação entre os verbos **ir** e **chegar** e as preposições

Sugestão de leitura	Preposições	a	em	para	Total
	Verbo Ir	46%	0%	100%	53%
		70%	0%	30%	100%
	Verbo Chegar	54%	100%	0%	47%
		96%	4%	0%	100%
	Total	100	100	100	100

Fazendo uma análise da tabela de maneira vertical, é possível perceber que com a preposição **a**, os verbos **ir** e **chegar** comportaram-se de maneira muito semelhante, a qual revela que apesar de haver concorrência entre as preposições, a preposição **a** permanece como primordial com os dados em análise.

Entretanto, ao fazer uma leitura horizontal, podemos que, baseando-nos numa perspectiva geral dos jornais, com o verbo **ir**, de 100% de ocorrências, 70% das aparições foram formadas pela forma canônica de uso, isto é, a preposição **a**. Mas, em contrapartida, encontramos um número elevado de usos da preposição **para**, 30% das ocorrências dessa preposição demonstram que há uma concorrência entre as duas formas quando estão acompanhando o verbo **ir**.

Acerca do verbo **chegar**, de 100% das ocorrências, 96% apareceram com a preposição **a**, com um distanciamento gritante em relação às ocorrências que apareceram com a preposição **em**, 4%. Assim sendo, de maneira geral, há uma tendência em seguir o que prescreve as gramáticas normativas.

Na sequência das análises, observamos os contextos que privilegiam o uso de determinadas preposições em relação ao tempo-modo verbal. Podemos depreender que o verbo **ir** apareceu mais conjugado nos tempos-modo verbal, em ordem decrescente, presente do indicativo, infinitivo e pretérito perfeito, e o verbo **chegar** no pretérito perfeito, presente do indicativo e no infinitivo. Essa similaridade entre o tempo e o modo verbal pode ser entendida baseando-se no fato de elas serem advindas de jornais, os quais retratam algo que está acontecendo ou já aconteceu.

Vejamos a seguir as preposições de acordo com os verbos e o tempo modo-verbal encontrados nas ocorrências.

Tabela 5: Relação entre verbos **chegar** e **ir**, a preposição **a** e o tempo-modo verbal (TMV)

TMV ↓	Pretérito perfeito	Infinitivo	Presente do indicativo	Pretérito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo	Futuro do presente	Pretérito imperfeito	Total
Verbo Ir	32%	49%	54%	33%	50%	75%	0%	46%
Verbo Chegar	68%	51%	46%	67%	50%	25%	100%	54%

Com a leitura da tabela 5, podemos perceber que a preposição **a**, nas construções com o verbo **ir**, esteve mais presente com tempo verbal presente do indicativo, que é aquele mais escolhido nas construções sintáticas dos jornais. Já o verbo **chegar**, com a preposição **a**, foi conjugado com maior frequência no tempo verbal pretérito perfeito.

As tabelas 6 e 7 se assemelham porque nelas não encontraremos todas as preposições com um dos verbos, devido ao recorte que foi feito, isto é, com a preposição **em** observaremos construções sintáticas somente com o verbo **chegar**, e com a preposição **para**, construções sintáticas com o verbo **ir**. Vejamos.

Tabela 6: Relação entre verbos **chegar** e **ir**, a preposição **em** e o tempo-modo verbal (TMV)

TMV	Pretérito perfeito	Presente do indicativo	Pretérito imperfeito	Total
Verbo Ir	0%	0%	0%	0%
Verbo Chegar	100%	100%	100%	100%

Tabela 7: Relação entre verbos **chegar** e **ir**, a preposição **para** e o tempo-modo verbal (TMV)

TMV	Pretérito perfeito	Infinitivo	Presente do indicativo	Futuro do presente	Pretérito imperfeito	Futuro do Pretérito	Total
Verbo Ir	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Verbo Chegar	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Sobre as tabelas 6 e 7, podemos dizer que com a preposição **em**, em relação ao verbo **ir**, não houve ocorrência, pois essa preposição articulada ao verbo em questão indica um lugar e não o movimento para algum lugar, fato que estamos procurando. Já a preposição **em**, com o verbo **chegar**, apareceu conjugado no presente do indicativo, no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito, os quais são bastante explorados na tessitura dos jornais.

Da mesma maneira, podemos dizer que não encontramos a preposição **para** articulada ao verbo **chegar**, mas encontramos o verbo **ir** com essa mesma preposição sendo conjugado sobremaneira no presente do indicativo e de maneira pormenorizada no infinitivo e no pretérito perfeito.

Agora vamos analisar o nosso *corpus*, partindo da observação do N locativo. Inicialmente vejamos o comportamento dos verbos **ir** e **chegar** em relação aos fatores que selecionamos.

Gráfico 2: Relação entre os verbos **ir** e **chegar** e os N locativos

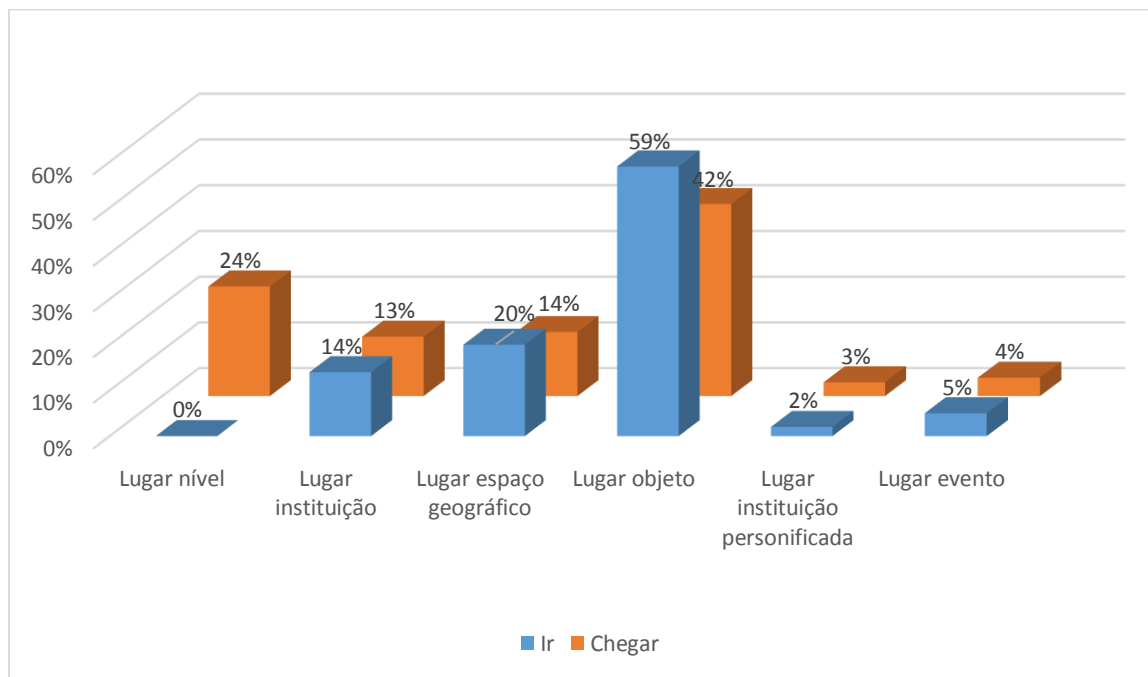


Gráfico referente à tabela 24 do anexo I.

Em relação ao N locativo, podemos perceber, por meio do gráfico 2, que com o verbo **ir** a configuração do espaço que mais foi utilizada foi a do espaço como **lugar objeto**, isto é, aquele que funciona como lugar genérico, como objeto sem nome definido. Como, por exemplo:

(21) Deve ir a campo, 2012, 1º de setembro, Jornal da Manhã, p. 10, amostra 271.

Nesse caso, o a configuração do espaço é um campo, um lugar generalizado, sem maiores especificações relativas a ele. Na sequência, o segundo mais utilizado foi o lugar para indicar um deslocamento para um espaço sociogeográfico, e o terceiro mais usado foi para indicar deslocamento para um lugar enquanto instituição.

Com o verbo **chegar**, podemos verificar que correu de maneira um pouco mais diversificada em relação ao N locativo, posto que o mais usado foi para referenciar o lugar como objeto, na sequência, o lugar como lugar nível, e de maneira praticamente equiparada, para indicar lugar espaço sociogeográfico e lugar instituição.

Um fato que nos chama a atenção é o uso extremamente elevado do verbo **chegar** com o N locativo para indicar nível, aqueles relativos a um determinado patamar, vejamos alguns exemplos:

(22) Chegou aos 16 pontos, 2012, 19 de agosto, Jornal da Manhã, p. 6, amostra 269.

(23) Chegasse à quinta posição, 2012, 5 de agosto, Jornal da Manhã, p. 4, amostra 272.

Nós consideramos esses tipos de amostra como variantes com a preposição **em**, pois seria facilmente encontrado no nível da fala, construções frasais como:

- a) Chegou nos 16 pontos.
- b) Chegasse na quinta posição.

Continuando com nossa análise em relação à configuração do espaço, montamos dois gráficos com as formas preferidas em relação ao tempo e modo verbal. Vejamos.

Gráfico 3: Distribuição do tempo-modo verbal em relação ao N locativo com o verbo **ir**

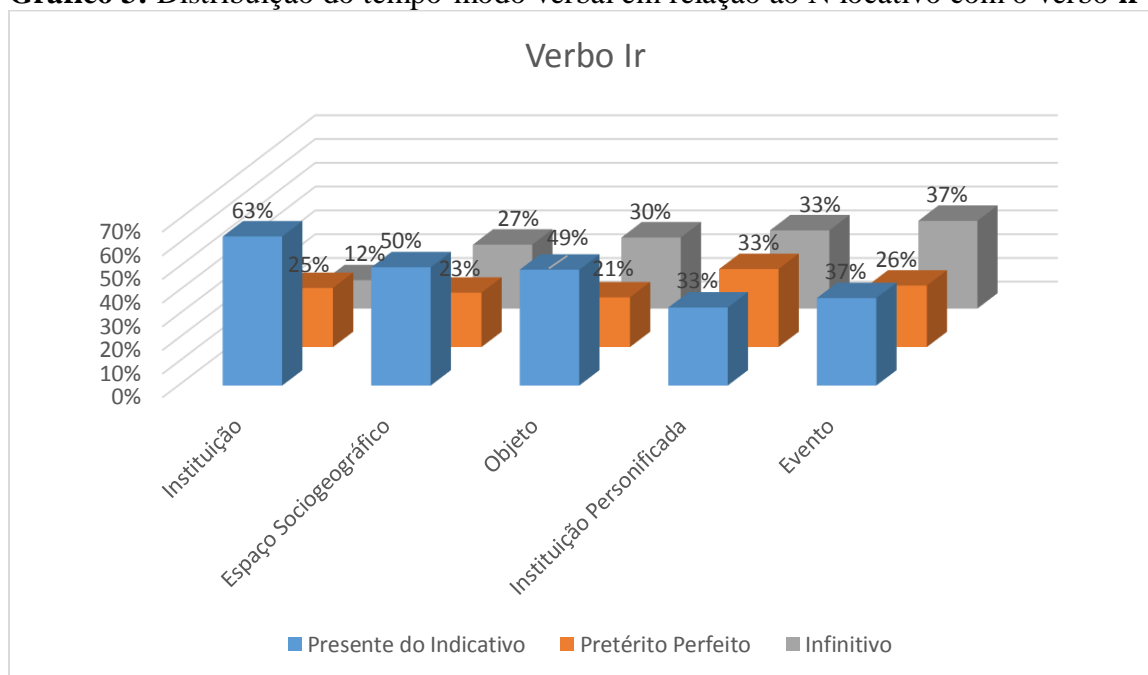


Gráfico referente às tabelas 6, 7, 8, 9, 10.

Com a análise do gráfico **3**, podemos perceber que o tempo-modo verbal preponderante foi o presente do indicativo, seguido do infinitivo e posteriormente do pretérito perfeito, assim como foi anteriormente mencionado. Além disso, podemos perceber que o lugar como objeto apareceu como forma preferencial nesses tempos verbais supracitados.

Vejamos a seguir a mesma leitura de gráfico em relação ao verbo **chegar**.

Gráfico 4: Distribuição do tempo-modo verbal em relação ao N locativo com o verbo **chegar**

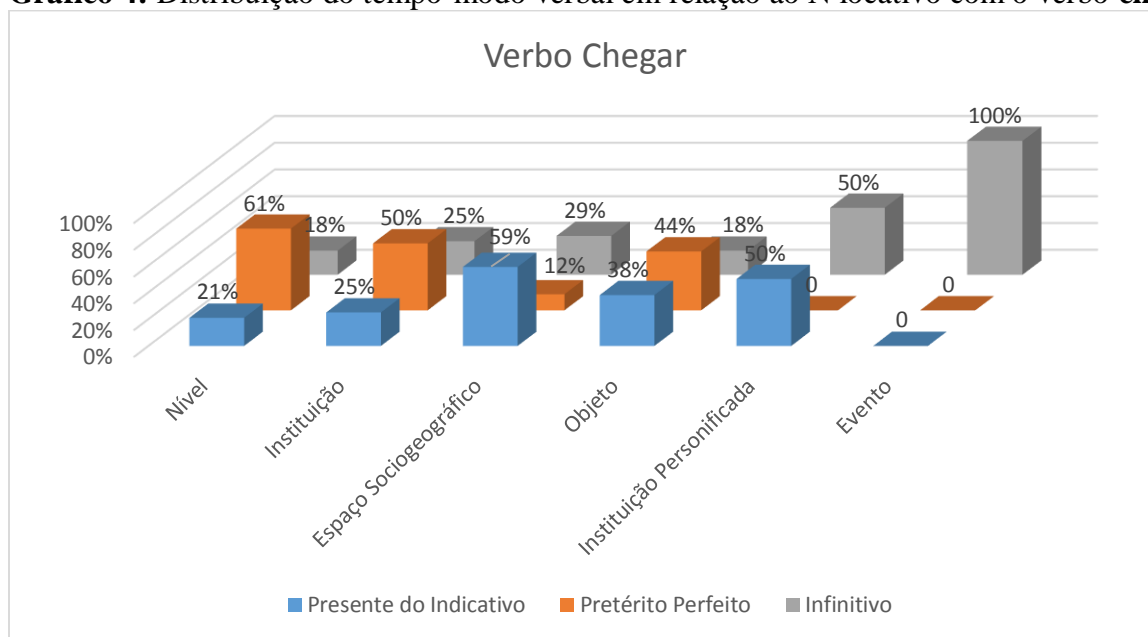


Gráfico referente às tabelas 5, 6, 7, 8, 9, 10 do anexo I.

Já com o verbo **chegar**, podemos destacar a preferência do verbos conjugados no pretérito perfeito atrelados ao lugar como objeto e ao lugar como instituição, esses que foram largamente usados na maioria das construções sintáticas. Devemos perceber que com o lugar objeto, tende-se a ter uma relação mais estreitada com aquele ambiente, como, por exemplo, o uso do N locativo “casa”.

Na sequência, fazemos uma análise das preposições distribuídas a partir do fator interposto pelo N locativo. Para isso, leiamos os seguintes gráficos.

Gráfico 5: Distribuição das preposições em relação ao N locativo com o verbo **ir**

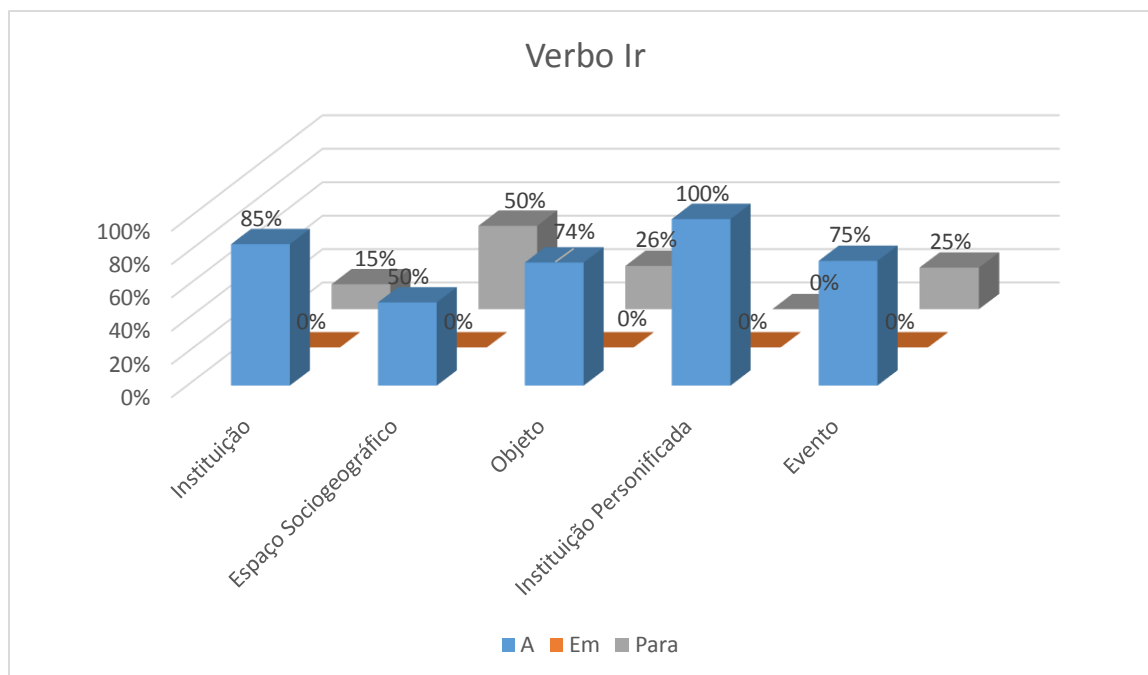


Gráfico referente às tabelas 14, 15, 16, 17, 18 do anexo I.

A partir da leitura do gráfico **5**, depreendemos que quando o verbo **ir** tem como argumento o lugar objeto, há o predomínio da preposição **a**, mas essa forma de expressão linguística está em concorrência com a preposição **para**, pois ainda que seja menor o seu uso, ela já está apresentando-se como uma forma alternativa.

Outro dado relevante é a forma equiparada que encontramos no uso das preposições **a** e **para** em relação ao argumento enquanto espaço geográfico. Fato que é visto na gramática como de uso distinto, ou seja, deveríamos usar a preposição **para** quando estivesse incidindo a ideia de permanência, mas isso não necessariamente condiz com os dados encontrados. Sendo assim, não podemos dizer qual preposição está invadindo o campo semântico da preposição em concorrência.

Vejamos agora a distribuição das preposições em relação ao N locativo com o verbo **chegar**.

Gráfico 6: Distribuição das preposições em relação ao N locativo com o verbo **chegar**

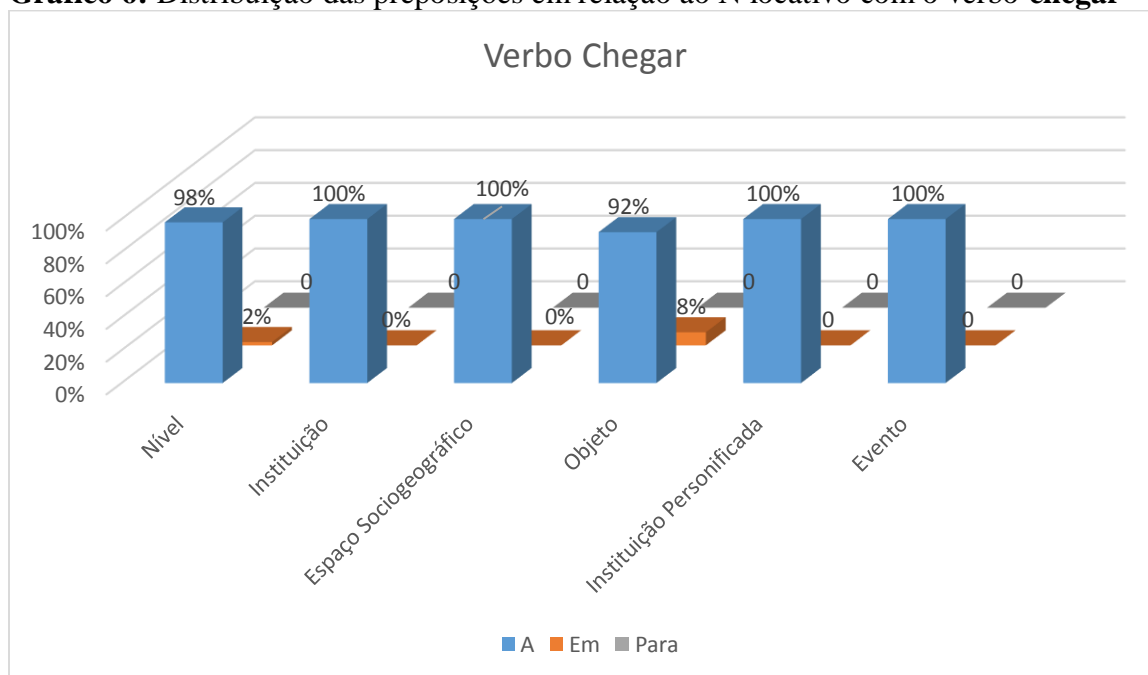


Gráfico referente às tabelas 13, 14, 15, 16, 17, 18 do anexo I.

A distribuição das preposições com o verbo **chegar** já foi apresentada, mas em relação ao N locativo, devemos atentar para um fato bastante interessante: todas as ocorrências que apareceram com esse verbo em relação à preposição **em** foram sempre usando como argumento do verbo o N locativo “casa”, observemos:

(24) cheguei em casa, 2013, 15 de junho, Folha de São Paulo, caderno Cotidiano, amostra 24.

(25) chegava em casa, 2013, março, 22, Jornal da Manhã, amostra 112.

(26) chego em casa, 2013, 7 de março, Jornal da Manhã, pág. 2, amostra 126.

(27) chegou em casa, 2012, 6 de novembro, Jornal da Manhã, pág. 5, amostra 135.

(28) chego em casa, 2013, 7 de dezembro, Folha de São Paulo, folhinha 4, amostra 192.

Dessa forma, entendemos que o uso da preposição **em** além de ser menor, apareceu em circunstâncias bem definidas, ou seja, podemos perceber uma especificação do contexto no qual podemos encontrar o verbo **chegar** ora com a preposição **a** e ora com a preposição **em**, onde cada variante ocupa um contexto distinto.

Adiante analisamos as ocorrências do *corpus* em relação aos jornais, os quais formam a variável considerada extralinguística.

Gráfico 7: Distribuição do tempo-modo verbal em relação aos jornais com o verbo **ir**

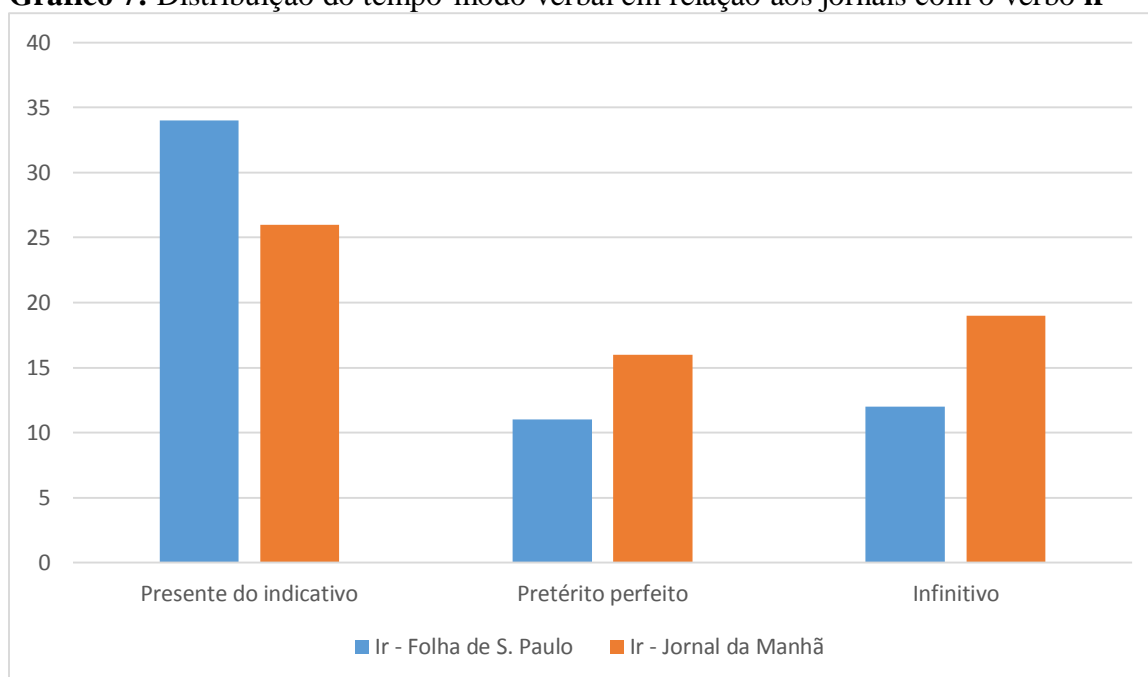


Gráfico referente às tabelas 11 e 12 do anexo I.

Gráfico 8: Distribuição do tempo-modo verbal em relação aos jornais com o verbo **chegar**

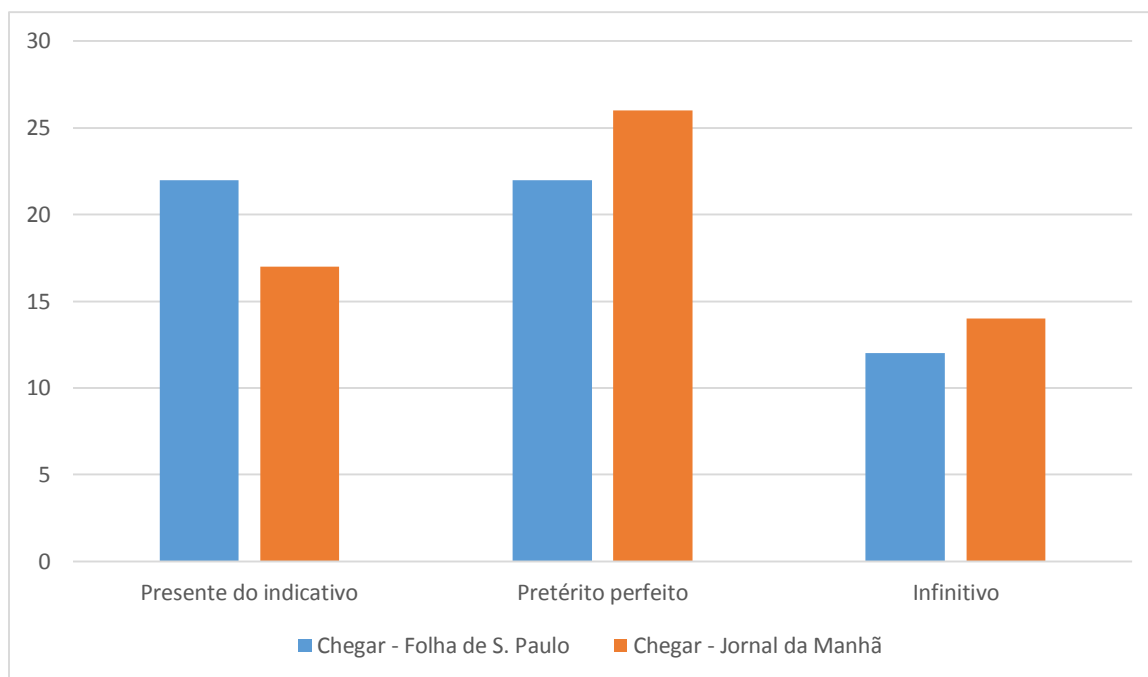


Gráfico referente às tabelas 11 e 12 do anexo I.

Os gráficos **7** e **8** apresentam a distribuição do tempo-modo verbal em relação aos jornais com os verbos **ir** e **chegar**, sendo assim, podemos afirmar que a incidência maior foi do presente do indicativo com o verbo **ir** nos dois jornais, e com o verbo **chegar**, o pretérito perfeito foi a forma preferida do Jornal da Manhã, enquanto a Folha de S. Paulo usou de maneira igualada o presente do indicativo e o pretérito perfeito.

Devemos aqui ressaltar que a função dos tempos verbais não é a de marcar o tempo cronologicamente, mas sim a de informar o leitor alguma situação comunicativa. Em função disso, podemos dizer que esse tempo verbal pode ser usado para fazer referência a fatos ocorridos no passado ou que ocorrerão no futuro. Fato que não exclui um uso tão recorrente do tempo verbal pretérito perfeito.

Já em relação à distribuição das preposições em relação aos jornais com os verbos **ir** e **chegar**, devemos fazer a leitura dos seguintes gráficos:

Gráfico 9: Distribuição das preposições em relação aos jornais com o verbo **ir**

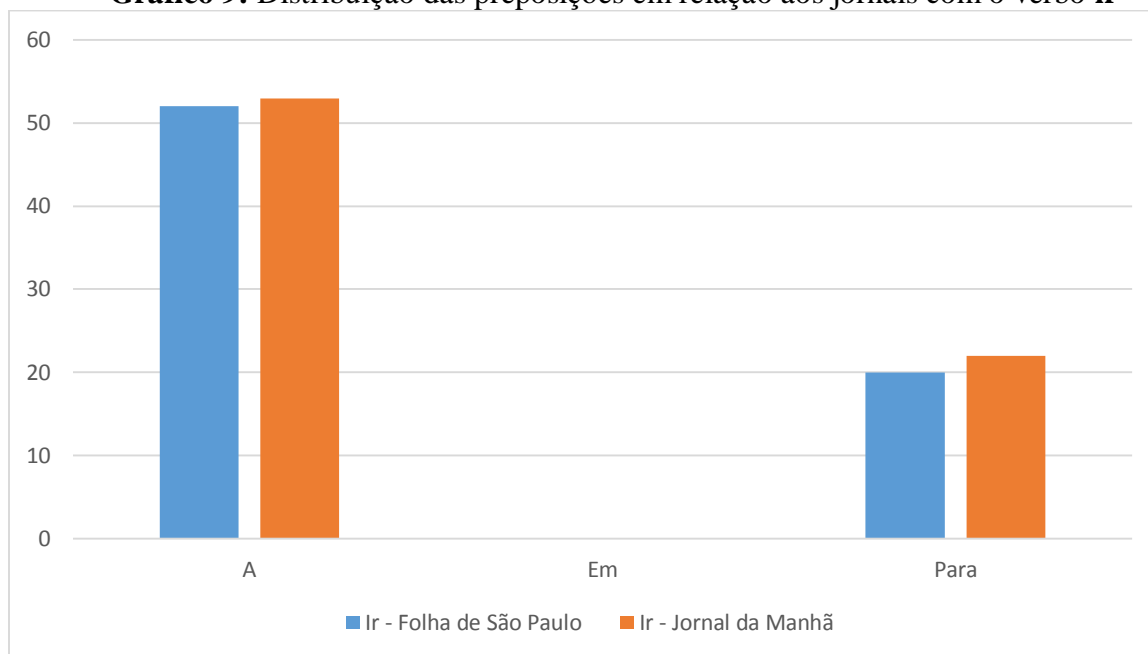


Gráfico referente às tabelas 20 e 21 do anexo I.

Gráfico 10: Distribuição das preposições em relação aos jornais com o verbo **chegar**

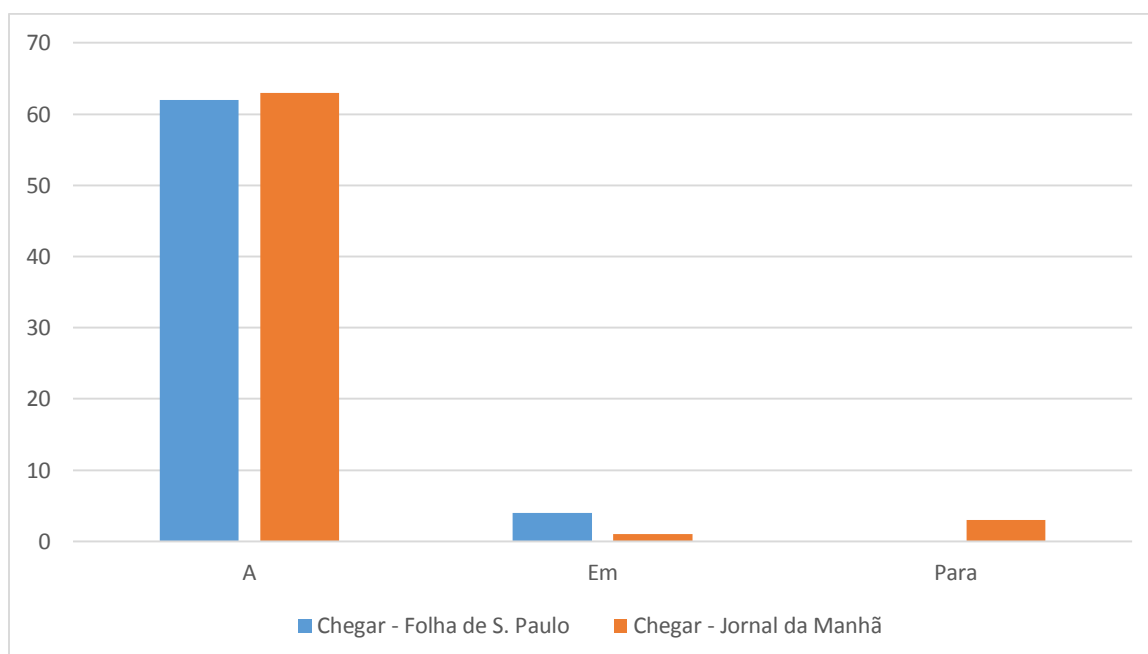


Gráfico referente às tabelas 20 e 21 do anexo I.

Os gráficos 9 e 10 apresentam o uso das preposições nos dois jornais selecionados, neles podemos perceber que as pequenas variações que ocorrem entre uma preposição e outra se dão de modo extremamente semelhantes, fator que retira possíveis distinções entre o Jornal da Manhã, que é regional, e o jornal Folha de S. Paulo, que é de circulação nacional. Sendo assim, uma de nossas hipóteses é refutada, isto é, ambos os jornais mantêm o mesmo nível de variação e comportamento linguístico dentre as variantes selecionadas.

A seguir fizemos a distribuição do N locativo em relação aos jornais com os verbos **ir** e **chegar**.

Gráfico 11: Distribuição do N locativo em relação aos jornais com os verbos **ir** e **chegar**

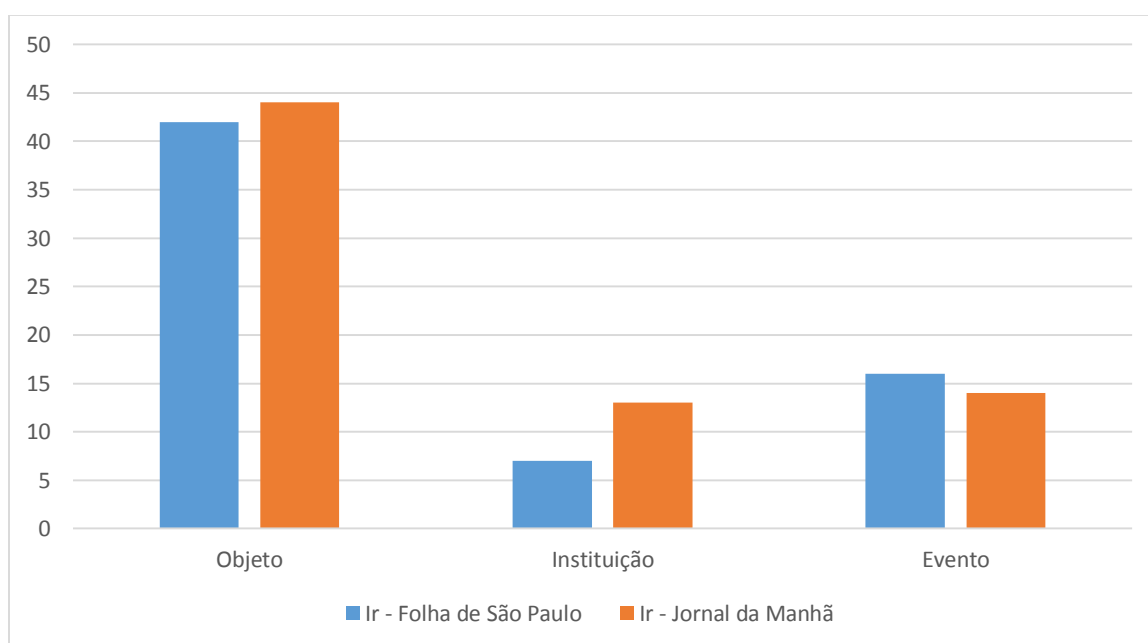
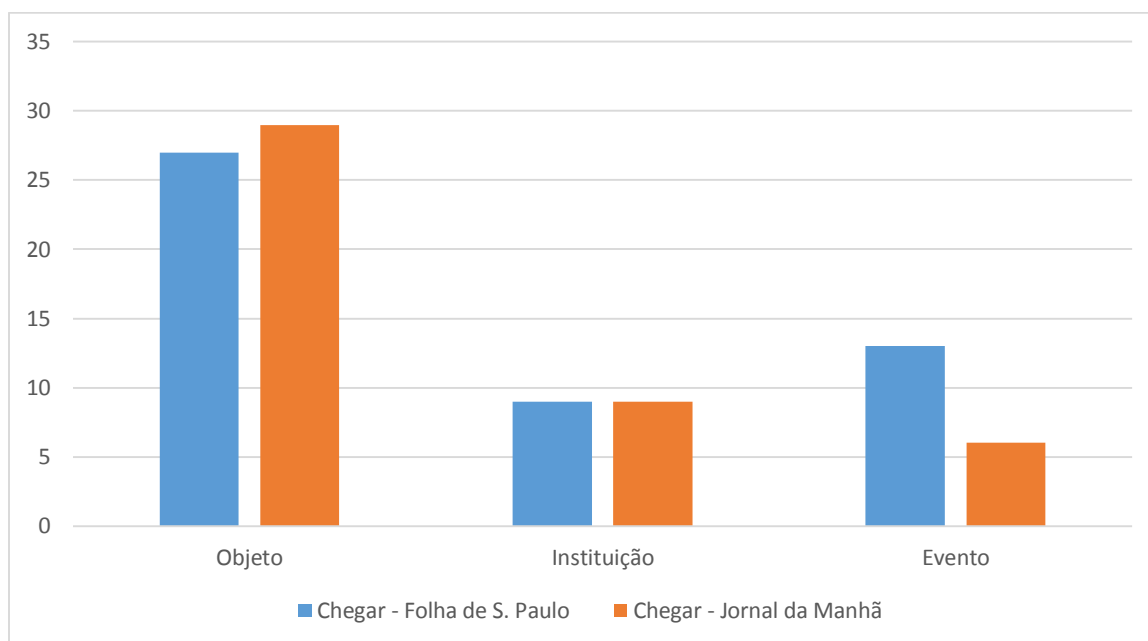


Gráfico referente às tabelas 22 e 23 do anexo I.

Gráfico 12: Distribuição do N locativo em relação aos jornais com os verbos **ir** e **chegar**



Os gráficos 11 e 12, assim como os anteriores, apresentam uma igualdade entre as informações oriundas do N locativo observando os dados advindos dos diferentes jornais. Esse fato está corroborando com as informações que encontramos até aqui, isso quer dizer que o comportamento das preposições com os verbos selecionados contrapostos à informação de qual jornal foram retirados nos faz perceber que o comportamento linguístico deles é muito semelhante apesar de terem públicos de leitores diferentes.

A partir dos gráficos e das tabelas que apresentamos, visamos a apresentar uma perspectiva geral dos nossos dados, contrapondo-os quando possível. Adiante, na seguinte seção, respondemos a nossas perguntas de pesquisa, baseando em nossos escopos.

5.2) Analisando nossos dados a partir de nossos escopos

Os verbos **ir** e **chegar** utilizam diferentes tipos de preposições, mas ao utilizar uma em detrimento de outra, essa escolha não é feita de modo aleatório nos dois verbos. Com o verbo **chegar**, percebemos que ele aparece quando o N locativo é um objeto e a preposição **em** é usada para esses casos. Já esse verbo com a preposição **a**, há uma maneira semelhante de uso entre o N locativo e os jornais.

Por outro lado, o verbo **ir** apresenta muita proximidade entre o que é realizado no Jornal da Manhã e a Folha de S. Paulo. Esse verbo quando tem como argumento o lugar objeto, há o predomínio da preposição **a**, mas essa forma de expressão linguística está em concorrência com a preposição **para**, pois ainda que seja menor o seu uso, ela já está apresentando-se como uma forma alternativa. Sendo assim, ao criar a relação sintático-semântica no nível da frase, o verbo **ir** não necessariamente busca o ideal prescrito pelas gramáticas do tipo normativo-tradicionais.

Em função dos nossos dados, percebemos que os jornais – exemplo de modalidade culta escrita do Português Brasileiro – não seguem o que prescrevem as Gramáticas Tradicionais quanto ao uso das regências verbais nos verbos de movimento **ir** e **chegar**, especialmente do verbo **ir** quando aparece com a preposição **para**.

Podemos afirmar, com base no que foi apresentado, que o sistema preposicional do Português Brasileiro, em relação aos verbos selecionados, está instável em relação ao verbo **ir**, ainda que a concorrência não seja tão grande, ele está contrariando a norma; entretanto, esse episódio não se coaduna com o verbo **chegar**, o qual está tendendo a uma especificação que também contraria a norma, isto é, o uso, ainda que ínfimo, da preposição **em**.

Ademais, podemos dizer que o comportamento do jornal de circulação nacional é muito semelhante ao de circulação regional no que tange as questão de seguir mais ou de seguir menos os padrões dos manuais das gramáticas normativas; sendo assim, não podemos dizer qual tende a ser mais formal. Posto dessa forma, julgamos que os jornais preocupam-se, de maneira geral, com o acesso do leitor à tessitura do texto que está sendo publicado.

A partir de tudo o que foi apresentado, podemos dizer que contribuímos para pesquisas linguísticas sobre o PB escrito em jornais analisando a variação das preposições que

acompanham os verbos **ir** e **chegar**. Para isso, investigamos as preposições que acompanham esses verbos de movimento no PB escrito em jornais, identificamos os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciaram o emprego dessas preposições nas ocorrências selecionadas.

Para finalizar nossas análises, fizemos uma comparação entre os resultados encontrados em nosso corpus e as pesquisas que embasaram nossos estudos.

5.3) Nossos resultados e a pesquisa variacionista

O estudo de Mollica (1989; 1991; 1991; 1995) sobre as preposições **a** e **para** que acompanham o verbo **ir** aponta para a hierarquização entre as três variantes: a preposição **a** é mais recorrente que **para**, seguindo-se, então, da preposição **em** (MOLLICA, 1996), evidenciando a importância de fatores de natureza semântica.

Em nossa pesquisa, pudemos perceber também uma hierarquia entre as preposições: com o verbo **ir**, o uso extensivo da preposição **a** em relação à preposição **para** em contextos semelhantes; e com o verbo **chegar**, o uso abundante da preposição **a** contraposto ao uso da preposição **em**, observando contextos que tendem à especificação de uso de uma e de outra preposição.

Outro estudo que mencionamos é o de Berlinck e Torres-Morais (2006), acerca dos anúncios e de cartas de leitores de revistas femininas das décadas de 60 e 90, nele há o processo de mudança que efetivamente caminha neste sentido: uma “queda” significativa do uso da preposição **a** em relação à preposição **para** durante as décadas anteriormente mencionadas.

Sobre esse estudo de Berlinck e Bueno, podemos perceber que nossos dados coadunam com que por ele foi apresentado, isto é, uma disputa das preposições entre os mesmos contextos linguísticos quando estão associadas ao verbo **ir**.

Acerca da dissertação de mestrado de Wiedemer (2008), a qual analisou também o uso de **a/em/para** no dialeto catarinense de três cidades – Blumenau, Chapecó e Florianópolis, pôde-se verificar um número maior de ocorrências com a preposição **para** em relação a preposição **a**, ressaltando um fenômeno do verbo **ir** quando indica movimento: o processo de

mudança em andamento o qual registra um recuo gradativo da preposição **a** concomitantemente um aumento do uso da preposição **para** e **em**;

Partindo de nosso *corpus*, podemos afirmar que há uma forma equiparada no uso das preposições **a** e **para** em relação ao argumento quando configura-se espaço geográfico. Sendo assim, não podemos afirmar que há algum tipo de especificação com o verbo **ir**. Já com o verbo **chegar**, como anteriormente mencionamos, houve sim uma especificação.

Outra pesquisa que mencionamos foi a de Ribas sobre a regência de verbos de movimento, em um *corpus* do PB composto por editoriais e reportagens da revista Criativa, da Editora Globo, publicadas entre os anos 1995 e 2005. Ela revelou que o uso de tais verbos, pelo menos na grande maioria das vezes, está em consonância com o que prescreve a gramática tradicional, ou, pelo menos, não vai ao encontro daquilo que ela descreve como incorreto. Essa informação não é encontrada em nossos dados e nem em nossa análises, visto que houve sim ocorrências que contrariaram os preceitos da gramática normativa.

Outra pesquisa que nos ancoramos foi nos estudos das preposições de Oliveira e Kewitz (2003), a qual analisou os adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição **a**, essa análise buscou compreender se em relação aos verbos de movimento havia variação no uso das preposições e quais eram usadas com o valor meta. Oliveira e Kewitz (2003) observou que houve variação com **ir**, ocorrendo com as preposições **a**, **em** e **para**; e com **chegar**, as preposições **a** e **em**. Novamente nossa pesquisa está de acordo com os estudos que estão sendo feitos acerca das preposições com verbos de movimento.

Assim também ocorreu com a pesquisa de Vieira (2009), a qual revelou que acerca do verbo **chegar**, houve pouca variação no uso das preposições **a** e **em**. O verbo **ir**, ao contrário, apresentou significativa variação, sendo a regência com **a/para** a variante preferida na amostra analisada, nós também alcançamos as mesmas conclusões em nossa pesquisa.

De maneira geral, podemos afirmar que o comportamento das preposições em relação ao verbo **ir** têm suscitado variação, especialmente quando tomamos as preposições **a** e **para** como variantes para a regência desse verbo. E na contramão do que acontece com esse verbo, o verbo **chegar** apresenta pouca variação, quando se estipula como variantes as preposições **a** e **em**.

6) FINDANDO NOSSO ESTUDO

Embasando-nos na teoria da variação e da mudança linguística, ao analisar os resultados desta pesquisa, percebemos que ela pode contribuir para o levantamento de informações acerca do PB escrito em jornais, e consequentemente pode caracterizar o PB enquanto língua que está em processo de transformação.

Inicialmente, na introdução, apresentamos nossas inquietações que nos levaram a pesquisar se havia variação entre as preposições que apareciam como variantes em relação aos verbos **ir** e **chegar**, quando indicavam movimento. Tentamos analisar quando os verbos **ir** e **chegar** utilizavam diferentes tipos de preposições, e por quais razões isso aconteceu; buscamos também perceber se havia variação em relação ao tempo-modo verbal, à preposição, ao tipo de complemento verbal e ao jornal do qual a ocorrência foi selecionada; e finalmente tentamos compreender se ao criar a relação sintática no nível da frase, esses verbos não necessariamente buscavam o ideal prescrito pelas gramáticas do tipo normativo-tradicionais.

Para isso, baseamos nossa pesquisa nos estudos da teoria da Variação e da Mudança Linguística, especialmente na perspectiva adotada por William Labov. Sendo assim, trouxemos os estudos tradicionais que abrangem a Sociolinguística especialmente no que concerne a pesquisa que aborda dados advindos do vernáculo, ou seja, na fala irrefletida.

No nosso caso, não trabalhamos com o vernáculo, enquanto língua falada, mas sim com a produção escrita dos jornais que visam a estar mais próximos das realidades linguísticas de seus leitores. A partir de nossas análises, percebemos que não houve uma preocupação exacerbada dos jornais em trazer as prescrições gramaticais para as construções sintáticas com os verbos **ir** e **chegar**, pois em muitos casos encontramos ocorrências que não condiziam com a perspectiva tradicional dos manuais.

Devemos lembrar que nosso corpus foi formado por ocorrências advindas de jornais, um de circulação nacional, Folha de S. Paulo, e um de circulação regional, Jornal da Manhã. Ao todo, conseguimos catalogar duzentas e oitentas e uma ocorrências, as quais foram rodadas no programa de estatísticas VARBRUL, e posteriormente analisadas a partir das variáveis dependentes e independentes que foram anteriormente mencionadas na seção Procedimentos metodológicos.

A análise das ocorrências extraídas de nosso *corpus* oriundas dos jornais, permitiu-nos verificar, principalmente, que as preposições **a** e **para** que acompanham o verbo **ir**, apresentam-se como variantes e configuram uma variação linguística em progresso. Entretanto, ainda não podemos afirmar se a variante **para** substituirá completamente a variante **a**.

Observamos que alguns fatores linguísticos, como o traço semântico do argumento do verbo é um fator relevante na escolha das preposições. Entre os resultados, o mais relevante foi o acréscimo no uso da preposição **para**, ao inserir um complemento do verbo **ir**, introduzindo um “N locativo” lugar objeto.

Com o verbo **chegar**, a distribuição das preposições em relação ao N locativo demonstrou que o uso da preposição **em** só ocorreu com o N locativo lugar objeto, mais especificamente quando ele configurava-se como casa. E o da preposição **a** apareceu na maior parte das ocorrências, especialmente quando o N locativo era um lugar nível ou lugar objeto.

Já em relação ao tempo-modo verbal com os verbos **ir** e **chegar** podemos perceber que a incidência maior foi do presente do indicativo com o verbo **ir** nos dois jornais, e com o verbo **chegar**, o pretérito perfeito foi a forma preferida do Jornal da Manhã, enquanto a Folha de S. Paulo usou de maneira coincidente o presente do indicativo e o pretérito perfeito. Esses tempos verbais que são amplamente usados na tessitura dos jornais.

Devemos ainda mencionar que a variável extralinguística nos surpreendeu porque demonstrou que no processo de escrita dos jornais eles se assemelharam, isto é, no nível sintático, há muita semelhança no comportamento linguístico do jornal que é menor com o jornal que é maior.

Enfim, é importante mencionar também que com esses resultados, além de contribuirmos aos estudos sintáticos do PB escrito, também contribuimos para algumas reflexões. Como vimos o emprego de algumas preposições, como **para** já atingiu a escrita e compete com padrões normativos do português. Sendo assim, devemos observar a língua sempre dentro de seu contexto e devemos ter em mente sempre que ela está a serviço do falante e que portanto deve ser o mais palpável possível nesse veículo de informação que avaliamos.

De maneira geral, esperamos que este estudo possa auxiliar para o avanço dos estudos linguísticos, assim como auxiliar no ensino de língua portuguesa nas escolas que, de antemão, adotam o padrão culto como forma privilegiada e única em seus programas de ensino.

Destarte, ressaltamos que ensinar a diversidade linguística é uma questão de cidadania e que instruir sobre as diferentes variedades ou sobre a gramática normativa é uma decisão política embasada nas consequências advindas de todos os setores da sociedade, principalmente quando essa decisão tem o intuito de segregar e rotular classes de falantes linguísticos em relação ao socioeconômico.

7) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. B.; BALSALOBRE, S. G. **A imprensa como fonte para pesquisas linguísticas.** Revista ANPOLL, n 25, 2008, p. 63-86.

BERLINCK, R. A.; BUENO, L. C. O. **VARIAÇÃO & GÊNERO TEXTUAL: preposições em textos jornalísticos paulistas.** Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL. Montevidéu: ALFAL, 2008, p.01-17.

BERLINCK, R. de A., BARBOSA, J.B., MARINE, T. de C. **Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua.** Revista da ABRALIN, v.7, n.1, p. 53-79, jan./jun. 2008.

BORBA, F. S.; et al. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil.** São Paulo, 1991. Editora da Universidade Estadual Paulista.

CAMARGO, D. R. da S; BERLINCK, R. de A. **Preposições: norma e uso na imprensa paulista no início do século XX.** Disponível em: < http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_35034928876.pdf> Acesso 05 de setembro de 2012.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo. Editora Contexto, 2010.

CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, M.,BERLINCK, R. de A. **Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX.** Estudos Lingüísticos 32. Documento C198.htm, 2003.

GUERRA, A. G.; CARVALHO, G. **Interpretação e método: repetição com diferença**. Rio de Janeiro: Garamound, 2002.

LABOV, William. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LABOV, W.. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: ed. Parábola, 2008.

MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOLLICA, M. C. de M.. **A regência variável do verbo *ir* de movimento**. In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 149-167. (capítulo 6)

MOLLICA, M. C. de M.. **Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento**. In: SILVA, Gisele M. O. & SCHERRE, Maria Marta P. (org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 285-293. (capítulo 12)

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004a. p. 9-14.

MOLLICA, M. C. **Relevância das variáveis não linguísticas**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 27-31

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

RIBAS, T. **Regência dos verbos de movimento ir, vir e chegar na revista Criativa** Apresentação no SILLEL, Uberlândia, UFU, 2007.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SILVA NETO, S. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1976.

TORRES-MORAIS, M.A.C.R.; BERLINCK, R.de A.; CYRINO, S.M.L. Comunicação apresentada no VII Seminário do Projeto **Para a História do Português de São Paulo**. Londrina, 2007.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). **Empirical Foundations for Theory of Language Change**. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

WIEDEMER, M. L. **A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina**. Dissertação. (Dissertação de Mestrado). Santa Catarina: UFSC, 2008.

ANEXO I

Tabela 1: Relação entre verbos chegar e ir, a preposição “a” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, a preposição “a” e o tempo-modo verbal (TMV)																				
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total	
Verbo Ir	20	32%	0	0%	25	49%	42	54%	2	33%	1	50%	15	75%	0	0%	0	0%	105	46%
Verbo Chegar	43	68%	5	100%	26	51%	36	46%	4	67%	1	50%	5	25%	4	100%	1	100%	125	54%
Total	63		5		51		78		6		2		20		4		1		230	

Tabela 2: Relação entre verbos chegar e ir, a preposição “em” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, a preposição “em” e o tempo-modo verbal (TMV)																				
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total	
Verbo Ir	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Verbo Chegar	2	100%	0	0%	0	0%	2	100%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	5	100%
Total	2		0		0		2		0		0		0		1		0		5	

Tabela 3: Relação entre verbos chegar e ir, a preposição “para” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, a preposição “para” e o tempo-modo verbal (TMV)																				
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total	
Verbo Ir	7	78%	0	0%	8	100%	18	95%	0	0%	0	0%	4	100%	3	100%	2	100%	42	93%
Verbo Chegar	2	22%	0	0%	0	0%	1	5%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	7%
Total	9		0		8		19		0		0		4		3		2		45	

Tabela 4: Relação entre verbos chegar e ir e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir e o tempo-modo verbal (TMV)																				
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total	
Verbo Ir	27	36%	0	0%	33	56%	60	61%	2	33%	1	50%	19	79%	3	38%	2	67%	147	52%
Verbo Chegar	48	64%	5	100%	26	44%	39	39%	4	67%	1	50%	5	21%	5	63%	1	33%	134	48%
Total	75		5		59		99		6		2		24		8		3		281	

Tabela 5: Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar nível” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar nível” e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0
Verbo Chegar	17	100%	0	0%	5	100%	6	100%	2	100%	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%	32
Total	17		0		5		6		2		1		0		1		0		32

Tabela 6: Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar instituição” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar instituição” e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	4	33%	0	0%	2	33%	10	71%	0	0%	0	0%	4	100%	0	0%	0	0%	20
Verbo Chegar	8	67%	2	100%	4	67%	4	29%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	18
Total	12		2		6		14		0		0		4		0		0		38

Tabela 7: Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar espaço sociogeográfico” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar espaço sociogeográfico” e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	5	71%	0	0%	6	55%	11	52%	1	100%	1	100%	3	60%	1	100%	2	100%	20
Verbo Chegar	2	29%	0	0%	5	45%	10	48%	0	0%	0	0%	2	40%	0	0%	0	0%	18
Total	7		0		11		21		1		1		5		1		2		49

Tabela 8: Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar objeto” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar objeto” e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	15	42%	0	0%	21	70%	35	66%	1	33%	0	0%	12	92%	2	33%	0	0%	86
Verbo Chegar	21	58%	1	100%	9	30%	18	34%	2	67%	0	0%	1	8%	4	67%	0	0%	56
Total	36		1		30		53		3		0		13		6		0		142

Tabela 9: Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar instituição personificada” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar instituição personificada” e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	1	100%	0	0%	1	50%	1	50%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3 43%
Verbo Chegar	0	0%	1	100%	1	50%	1	50%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	0	0%	4 57%
Total	1		1		2		2		0		0		1		0		0		7

Tabela 10: Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar evento” e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, o N locativo “lugar evento” e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	2	100%	0	0%	3	60%	3	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	8 62%
Verbo Chegar	0	0%	1	100%	2	40%	0	0%	0	0%	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%	5 38%
Total	2		1		5		6		0		0		1		0		1		13

Tabela 11: Relação entre verbos chegar e ir, a Folha de São Paulo e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, a Folha de São Paulo e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	11	33%	0	0%	14	54%	34	61%	2	50%	1	100%	8	73%	2	67%	0	0%	72 52%
Verbo Chegar	22	67%	4	100%	12	46%	22	39%	2	50%	0	0%	3	27%	1	33%	1	100%	67 48%
Total	33		4		26		56		4		1		11		3		1		139

Tabela 12: Relação entre verbos chegar e ir, o Jornal da Manhã e o tempo-modo verbal (TMV)

Relação entre verbos chegar e ir, o Jornal da Manhã e o tempo-modo verbal (TMV)																			
TMV	2		7		4		1		8		9		5		3		6		Total
Verbo Ir	16	38%	0	0%	19	58%	26	60%	0	0%	0	0%	11	85%	1	20%	2	100%	75 53%
Verbo Chegar	26	62%	1	100%	14	42%	17	40%	2	100%	1	100%	2	15%	4	80%	0	0%	67 47%
Total	42		1		33		43		2		1		13		5		2		142

Tabela 13: Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar nível” e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar nível” e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Verbo Chegar	30	100%	1	100%	1	100%	32	100%
Total	30		1		1		32	

Tabela 14: Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar instituição” e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar instituição” e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	17	49%	0	0%	3	100%	20	53%
Verbo Chegar	18	51%	0	0%	0	0%	18	47%
Total	35		0		3		38	

Tabela 15: Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar espaço sociogeográfico” e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar espaço sociogeográfico” e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	15	44%	0	0%	15	100%	30	61%
Verbo Chegar	19	56%	0	0%	0	0%	19	39%
Total	34		0		15		49	

Tabela 16: Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar objeto” e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar objeto” e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	64	57%	0	0%	22	92%	86	61%
Verbo Chegar	49	43%	4	100%	2	8%	56	39%
Total	113		4		1		142	

Tabela 17: Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar instituição personificada” e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar instituição personificada” e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	3	43%	0	0%	0	0%	3	43%
Verbo Chegar	4	57%	0	0%	0	0%	4	57%
Total	7		0		0		7	

Tabela 18: Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar evento” e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, o N locativo “lugar evento” e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	6	55%	0	0%	2	100%	8	62%
Verbo Chegar	5	45%	0	0%	0	0%	5	38%
Total	11		0		2		13	

Tabela 19: Relação entre os verbos ir e chegar e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	105	46%	0	0%	42	93%	147	52%
Verbo Chegar	125	54%	5	100%	3	7%	134	48%
Total	230		5		45		281	

Tabela 20: Relação entre os verbos ir e chegar, a Folha de São Paulo e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, a Folha de São Paulo e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	52	46%	0	0%	20	100%	72	52%
Verbo Chegar	62	54%	4	100%	0	0%	67	48%
Total	114		4		20		139	

Tabela 21: Relação entre os verbos ir e chegar, o Jornal da Manhã e as preposições

Relação entre os verbos ir e chegar, o Jornal da Manhã e as preposições								
Preposições	a		em		para		Total	
Verbo Ir	53	46%	0	0%	22	88%	75	53%
Verbo Chegar	63	54%	1	100%	3	12%	67	47%
Total	116		1		25		142	

Tabela 22: Relação entre os verbos ir e chegar, a Folha de São Paulo e os N locativos

Relação entre os verbos ir e chegar, a Folha de São Paulo e os N locativos													
N locativo	r		n		q		m		o		p		Total
Verbo ir	0	0%	7	44%	16	55%	42	61%	2	67%	5	63%	72 52%
Verbo chegar	14	100%	9	56%	13	45%	27	39%	1	33%	3	37%	67 48%
Total	14		16		29		69		3		8		139

Tabela 23: Relação entre os verbos ir e chegar, o Jornal da Manhã e os N locativos

Relação entre os verbos ir e chegar, o Jornal da Manhã e os N locativos													
N locativo	r		n		q		m		o		p		Total
Verbo ir	0	0%	13	59%	14	70%	44	60%	1	25%	3	60%	75 53%
Verbo chegar	18	100%	9	41%	6	30%	29	40%	3	75%	2	40%	67 47%
Total	18		22		20		73		4		5		142

Tabela 24: Relação entre os verbos ir e chegar e os N locativos

Relação entre os verbos ir e chegar e os N locativos													
N locativo	r		n		q		m		o		p		Total
Verbo ir	0	0%	20	53%	30	61%	86	61%	3	43%	8	62%	147 52%
Verbo chegar	32	100%	18	47%	19	39%	56	39%	4	57%	5	38%	134 48%
Total	32		38		49		142		7		13		281